



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

JOÃO EUSEBIO IMBATENE

**A REDUPLICAÇÃO NO GUINEENSE MODERNO:
FONOLOGIA, MORFOLOGIA E SINTAXE**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

JOÃO EUSEBIO IMBATENE

**A REDUPLICAÇÃO NO GUINEENSE MODERNO:
FONOLOGIA, MORFOLOGIA E SINTAXE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da UNILAB, como requisito parcial para a conclusão do curso de licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Manuele Bandeira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

I29r

Imbatene, João Eusebio.

A reduplicação no guineense moderno : fonologia, morfologia e sintaxe / João Eusebio Imbatene. - 2019.

68 f. : il., mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Manuele Bandeira.

1. Língua guineense - Gramática. 2. Língua guineense - Reduplicação. I. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 469.796657

JOÃO EUSEBIO IMBATENE

**A REDUPLICAÇÃO NO GUINEENSE MODERNO:
FONOLOGIA, MORFOLOGIA E SINTAXE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da UNILAB, como requisito parcial para a conclusão do curso de licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

Data de aprovação: 02/09/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Manuele Bandeira (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Examinador(a) 1

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Examinador(a) 2

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Em homenagem ao professor Luís Caba N'tumbo, meu tio, a figura que me mostrou o caminho da escola. Devo-lhe dizer que não arrependo de ter seguido as suas instruções. Fique tranquilo, pois o seu sobrinho nunca esquecerá dos seus ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

Meus desmedidos agradecimentos a Deus, pai todo poderoso, pela sua proteção divina. Aos meus pais, Mariama N'djale e Eusebio Imbatene, ao meu querido filho Wesley que tanto trasbordou o meu coração de alegrias e emoções. Ao Beto Infande, meu primo, pelos inúmeros apoios que tem me dado, uma inspiração para reconhecer o valor da verdadeira amizade. Aos meus irmãos, (Aladem, Riqueza, Pansau, Alanten, Danado, Midana, Nené) pelo carinho, amor, encorajamentos e conselhos de sempre. Ao meu tio Jaime Bidé pelo auxílio de várias ordens que tem me dado.

À Profa. Dra. Manuele Bandeira de Andrade Lima, minha orientadora, a quem endereço os meus especiais agradecimentos pela forma incrível e sábia que me tem orientado nesse processo, confesso que com ela aprendi a ser pesquisador e descobri os caminhos para os meus sucessos acadêmicos.

Aos meus inesquecíveis amigos que por força da ambição de estudo o destino nos uniu nessa empreitada (Flavio Rosário, Ivo Aloide Ié, Pansau Tamba, Alquiloma lala, Xavier Sanca Mendes, Baticã Braima, Jacira Nhaga, Terezinha José Insul, Lula Mário Cumba, Vladimir Sá, Nando Paulo Suma, Quialunda Sozinho Quialanda, Hipólito Mendes, Elias Flores, Ocante Bless, Flavia Janaína, Cleide Bomfim, Aniusia Nima N'ghabo, Mussa Jau, Aua Silla, Zinha Nanque, Victoria Có, Lauce Correia, Isnane Na Mara, Yacine Henrique Tavares, Jacica Helena L. Fernandes, Sabado Imbundé, Nadesda A. Monteiro, Bintó Mane, Rosiane S. Martins, Vilma Nunes, Monica A. Lima e outros).

Meus significativos agradecimentos às pessoas que marcaram a minha vida, Honório Alberto da Silva, Domingas M'bunde, Daniela Pereira Ianque, Segunda Cá, Ana Clara Ferreira dos Santos, minha diretora, Isabel Insique, Gabriela Bihala, Agustinho Isna Na Mbana, Quintino Yalá. Gustavo Pascoal Nanque, Sabino Queiroz, Justino Caba, Carlitos Caba, Fatu Caba, Ademar de Jesus, Francisca Amoré, Quintino Infande (Oliver).

Meus profundos agradecimentos ao PIBIC-UNILAB e à FAPESB pela concessão de bolsa de Iniciação Científica que me possibilitou desenvolver pesquisas sobre os fenômenos morfológicos das línguas do contato e especificamente sobre o processo da reduplicação no guineense moderno.

Agradeço aos professores Dr. Eduardo Santos e Dra. Shirley Freitas por terem aceitado o convite de fazerem parte da banca examinadora do presente trabalho. Realmente, ambos contribuíram enormemente para a melhora do estudo, por isso, deixo registrado meu agradecimento para estas referências que eu admiro tanto.

Endereço também a minha gratidão a todos os meus professores e professoras da UNILAB e, em especial do curso de Letras-Língua Portuguesa, que, de alguma e outra, contribuíram para a minha formação acadêmica. Levarei comigo os vossos ensinamentos, por isso, por onde quer que eu vá ou esteja vocês sempre serão meus espelhos de rigor, de transparência, de dedicação e de determinação.

RESUMO

O presente estudo tem, por objetivo, compreender o funcionamento do processo da reduplicação no guineense moderno. Considerando que “[...] a formação de palavras por reduplicação ocorre quando uma parte (ou todo) de uma sequência fonológica é repetida resultando em uma nova informação morfológica” (ARAUJO, 2002, p. 61). Para alcançar esse objetivo, levantamos os dados bibliográficos presentes no dicionário bilingue guineense-português (SCANTAMBURLO, 2002) e outros instrumentos que permitem a coleta, por meio das pesquisas quantitativas e qualitativas. Dada a natureza deste trabalho, os dados foram analisados sob os planos fonológico, morfológico e sintático. A pretensão de trabalhar com o tal processo é sustentada pelas inquietações surgidas a partir das afirmações de teóricos que negam a existência de estruturas morfológicas nas línguas de contato, como os crioulos (MC WHORTER, 1998). Os resultados deste trabalho apontam quatro categorias gramaticais que sofrem o processo da reduplicação no guineense, nomeadamente a verbal (**miskinha** "lamentar" -- **miskinha-miskinha** "lamentar continuamente"), a nominal (**djugu** 'jogo' -- **djugu-djugu** "casa das térmitas"), a adjetival (**tchan** "firme" -- **tchan-tchan** "muito firme ") e a adverbial (**gossi** "agora" -- **gossi-gossi** "agora mesmo" ou "nesse mesmo instante"). Para mais, no que diz respeito à realização silábica das formas reduplicadas no guineense, encontramos as seguintes estruturas silábicas copiadas: (CV.CV), (CVC.CV), (CVC.CV.CV), (CV.CVC.CV), (V. CV.CV) e (CV.CV.CV). As formas reduplicadas do guineense apresentam noções de funções, como as de *distribuição* (**djubi** 'olhar' / **djubi-djubi** 'olhar por toda parte'), de *intensificação* (**djanti** 'andar depressa, apressar-se' / **djanti-djanti** 'andar ainda mais rápido' ou 'apressar-se ainda mais') e de *regularidade* (**falta** 'ausentar, faltar' / **falta-falta** 'ausentar, faltar sempre ou com frequência'), assim, tais funções são preservadas nas sentenças. Com a comprovação da existência de mecanismos morfológicos, o estudo busca evidenciar os equívocos sustentados pelos teóricos tradicionais sobre a não existência das referidas estruturas, visto que “uma língua [crioula] tem em si todos os elementos estruturais necessários aos seus falantes” (PRATAS, 2002, p. 10).

Palavras-chave: Língua guineense - Gramática. 2. Língua guineense - Reduplicação.

ABSTRACT

This present study aims to understand how the reduplication process in modern Guinean Creole works. Considering “[...] word formation by reduplication occurs when part (or all) of a phonological sequence is duplicated resulting in new morphological information” (ARAUJO, 2002, p. 61). In order to achieve this goal, we collected bibliographic data from Guinean Creole-Portuguese bilingual dictionary (SCANTAMBURLO, 2002) and other instruments that allow the collection through quantitative and qualitative research. Due to the nature of this work, the data were analyzed from the phonological, morphological and syntactic perspectives. The motivation for working with such process is supported by concerns arising from the claims of theorists who deny the existence of morphological structures in contact languages, such as Creoles (MCWHORTER, 1998). The results of this work point to four grammatical categories that present the process of reduplication in Guinean Creole, namely verbal (**miskinha** "lament" - **miskinha-miskinha** "lament continuously"), nominal (**djugu** 'game' - **djugu-djugu** "termites house"), adjectival (**tchan** "firm" **tchan-tchan** "very firm") and adverbial (**gossi** "now" - **gossi-gossi** "right now" or "in the exact moment"). Moreover, regarding the syllable realization of reduplicated forms in Guinean Creole, we find the following duplicated syllabic structures: (CV.CV), (CVC.CV) and (CV.CV.CV). The reduplicated forms of Guinean have notions of functions, such as those of distribution (**djubi** 'look' / **djubi-djubi** 'look everywhere'), intensification (**djanti** 'hurry up' / **djanti-djanti** 'walk faster', and regularity (**falta** 'absent, miss' / **falta-falta** 'absent or miss often'), thus, such functions are preserved in the sentences. By proving the existence of morphological mechanisms, the study seeks to highlight the misconceptions sustained by traditional theorists about the non-existence of such structures, since “a [Creole] language has in itself all the structural elements necessary for its speakers” (PRATAS, 2002, p. 10).

Keywords: Guinean language - Grammar. Guinean language - Reduplication.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Principais línguas autóctones com os seus respectivos números de falantes	24
Quadro 2	Síntese das características dadas às línguas crioulas em comparação com as não crioulas	28
Quadro 3	Reduplicação nas línguas de base lexical portuguesa do golfo da Guiné e no cabo-verdiano	33
Quadro 4	Exemplos de formas de ideofones no santome e no lung'le	34
Quadro 5	Exemplos de ideofones em guineense	35
Quadro 6	Exemplos das formas a serem reduplicadas no guineense	37
Quadro 7	Exemplos das palavras-base enquadradas em classe/função	38
Quadro 8	Realização silábica do processo da reduplicação no papiamentu	40
Quadro 9	Realização silábica do processo da reduplicação no PB	41
Quadro 10	Realização silábica na reduplicação no guineense	42
Quadro 11	Categoria verbal sem mudança categorial entre a palavra-base e a reduplicada	51
Quadro 12	Categoria verbal que apresenta categorias variáveis na forma reduplicada	52
Quadro 13	Categoria nominal que apresenta variação categorial na forma reduplicada	52
Quadro 14	Categoria adverbial sem mudança categorial entre forma base e reduplicada	53
Quadro 15	Funções gramaticais da reduplicação no guineense	54
Quadro 16	Funções lexicais da reduplicação no guineense	55

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CAPÍTULO II: SITUAÇÃO GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E LINGUÍSTICA DA GUINÉ-BISSAU	15
2.1	DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA E ECONÓMICA	15
2.2	SITUAÇÃO HISTÓRICA	17
2.2.1	Resistência dispersa	18
2.2.2	Resistência unificada	19
2.3	SITUAÇÃO LINGUÍSTICA: A FORMAÇÃO DO CRIOULO GUINEENSE	20
2.3.1	Origem do guineense	22
2.3.2	O guineense entre várias outras línguas da Guiné-Bissau	23
3	CAPÍTULO III: PROCESSOS MORFOLÓGICOS NAS LÍNGUAS DE CONTATO	25
3.1	OS CONCEITOS ASSOCIADOS ÀS LÍNGUAS CRIOULAS	25
3.2	REDUPLICAÇÃO	31
3.2.1	Reduplicação no português brasileiro e nas línguas do contato	32
4	CAPÍTULO IV: ANÁLISES FONOLÓGICAS, MORFOLÓGICAS E SINTÁTICAS DAS FORMAS REDUPLICADAS NO GUINEENSE MODERNO	36
4.1	CLASSES E FUNÇÕES NA PERSPECTIVA DE MONTEIRO (2002)	36
4.2	ESTRUTURAS SILÁBICAS ENVOLVIDAS NO PROCESSO DA REDUPLICAÇÃO NO GUINEENSE	39
4.3	PROCESSO DA REDUPLICAÇÃO DO GUINEENSE NAS CONSTRUÇÕES SINTÁTICAS	43
4.3.1	O processo da reduplicação: estrutura sintática e contexto	43
4.3.1.1	<i>Formas reduplicadas com mais de um significado</i>	45
4.3.1.2	<i>Sentenças com as mesmas informações semânticas e realizações morfossintáticas diferentes</i>	47
4.4	ANÁLISE DAS CATEGORIAS REDUPLICADAS NO GUINEENSE	50
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICE	61

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado *A reduplicação no guineense moderno: fonologia, morfologia e sintaxe* tem por objetivo compreender o funcionamento do processo da reduplicação no guineense moderno como mecanismo recorrente de distinção lexical. Assim sendo, as abordagens impressas neste estudo centralizam-se à volta das discussões teóricas sobre a existência e a complexidade dos processos morfológicos nas línguas do contato, tendo, portanto, como objeto de estudo o guineense a partir das análises de dados nos âmbitos fonológico, morfológico e sintático.

A inferiorização da estrutura linguística das línguas de contato (crioulos) pelos teóricos tradicionais constituiu a nossa motivação em trabalhar com a reduplicação no guineense.

Conforme descreve Kager (1999 *apud* BANDEIRA & FREITAS, 2012, p. 252), “a reduplicação é um processo morfológico que consiste em repetir parte ou todo de uma palavra, com intuito de criar distinção lexical”. Com efeito, a reduplicação é um dos processos morfológicos mais frequentes nas construções sintáticas dos falantes da língua guineense.

De acordo com Fernandes (2010, p. 9), 90% da população da Guiné-Bissau usa o guineense nas suas comunicações e 10% usa o português, ou seja, o guineense é a língua mais falada no país, seguido de outras línguas étnicas. Contudo, somente o português tem o estatuto de língua oficial.

A pretensão de trabalhar com o processo da reduplicação como mecanismo recorrente de criação de novas palavras na língua guineense é sustentada pelas inquietações surgidas a partir das afirmações dos teóricos que negam a existência das estruturas morfológicas nas línguas de contato (crioulos). Um exemplo dessa mentalidade pode ser visto em McWhorter (1998) que considera que as línguas crioulas são mais simples do que as línguas não crioulas, porque as línguas crioulas não teriam existido por tempo suficiente para adquirir e aperfeiçoar as complexidades que uma língua não crioula apresenta.

Tais concepções serviram de alicerce para a manutenção do prestígio das línguas dos colonizadores e, conseqüentemente, para a desvalorização das línguas crioulas. Nesse sentido, pretendemos analisar os dados em torno do processo da reduplicação para demonstrar a existência e a complexidade dos processos morfológicos em guineense partindo da hipótese de que “uma língua tem em si todos

os elementos estruturais necessários aos seus falantes” (PRATAS, 2002, p. 10). Por conseguinte, com a comprovação da existência de mecanismos morfológicos, o estudo buscará evidenciar os equívocos sustentados pelos teóricos tradicionais sobre a não existência das referidas estruturas.

Um trabalho desta natureza poderá despertar atenção de estudiosos no sentido de pesquisarem sobre outros processos morfológicos existentes no guineense e de outras línguas do contato, tal vontade poderá, no futuro, colaborar para um reconhecimento e valorização dessas línguas que ainda seguem menosprezadas em sociedades crioulofonas com raras exceções como é o caso do papiamentu, língua crioula que goza de um status de prestígio.

Para fins de análise, efetuamos levantamento dos dados bibliográficos presentes no dicionário bilíngue guineense e português (SCANTAMBURLO, 2002) e outros instrumentos que permitem a coleta, por meio das pesquisas quantitativas e qualitativas. Para o enquadramento teórico, usamos estudos que tratam dos assuntos ligados à reduplicação, tais como “Truncamento e reduplicação no português brasileiro” de Araujo (2002), *“Análise morfológica dos crioulos do Golfo da Guiné e do kabuverdianu”* de Freitas & Bandeira (2016) e *“A reduplicação no papiamentu”* de Bandeira & Freitas (2012).

Dada a natureza deste trabalho, os dados foram analisados sob os planos fonológico, morfológico e sintático, em consequência das nossas questões norteadoras: como o guineense faz o uso recorrente do processo da reduplicação para formar novas palavras? Quais são as funções gramaticais e lexicais desse processo? Quais são as estruturas silábicas copiadas? Quais são as categorias gramaticais possíveis de serem reduplicadas? E como esse processo se comporta nas construções sintáticas? Diante dos questionamentos levantados, além da introdução, este estudo dispõe de mais quatro capítulos;

O segundo capítulo tem por objeto de trabalho a contextualização geográfica, histórica e linguística da Guiné-Bissau. Por conseguinte, compreende três seções, cada uma dedicada a um aspecto mencionado. É crucial discutir tais aspectos, dado que permite uma compreensão geral sobre o país e especificamente sobre o guineense.

O terceiro capítulo procura discutir a existência ou não de processos morfológicos nas línguas do contato, a partir das concepções teóricas acerca do fenômeno das estruturas morfológicas nas línguas crioulas. Assim, a proposta do

estudo define um olhar específico sobre a existência do processo da reduplicação em guineense.

O quarto capítulo tem por objetivo efetuar as análises morfológicas, fonológicas e sintáticas das formas reduplicadas do guineense encontradas. Assim, o último capítulo é destinado para as considerações finais concernentes ao processo estudado.

Enfim, este trabalho é de suma importância para o campo dos estudos das línguas de contato, na medida em que incentivará a reflexão e a discussão dos estudiosos sobre fenômenos linguísticos das referidas línguas que, até o momento presente, são muito pouco estudados.

2 CAPÍTULO II: SITUAÇÃO GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E LINGUÍSTICA DA GUINÉ-BISSAU

O presente capítulo tem por objeto de trabalho a contextualização geográfica, histórica e linguística da Guiné-Bissau. Por conseguinte, compreende três seções, cada uma dedicada a um aspecto mencionado. É crucial discutir tais aspectos, dado que permite uma compreensão geral sobre o país e especificamente sobre o guineense.

Desse modo, na subseção 2.1, procuramos enquadrar geograficamente a Guiné-Bissau através dos dados selecionados a partir dos autores que se debruçaram acerca do assunto. A subseção 2.2 ocupa-se da apresentação de aspectos históricos importantes da Guiné-Bissau, compreendendo assim o período histórico desde a chegada dos portugueses em 1446 à região da Guiné-Bissau até atualidade, com ênfase nas resistências (dispersas e unificadas) do povo guineense contra o jugo colonial.

Enfim, a subseção 2.3 é destinada ao enquadramento da situação linguística do país, considerando os aspectos ligados à origem do crioulo guineense, situação das línguas autóctones e o papel da língua crioula na sociedade guineense.

2.1 DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA E ECONÓMICA

A República da Guiné-Bissau é um país situado na costa oeste africana, cujas fronteiras são delimitadas ao norte pela República do Senegal, a leste e sudeste pela Guiné-Conacri e pelo oceano Atlântico a sul e oeste. O país compreende uma extensão territorial de 36.125 km², ainda conta com aproximadamente 40 ilhas, que são denominadas de arquipélago dos Bijagós (CHAPOUTO, 2014, p. 2).

Sobre o número das áreas insulares (ilhas), não há consenso entre os dados presentes nos textos que tratam desse assunto, segundo M'bunde (2018, p. 63), são cerca de 90 ilhas que compõem o referido arquipélago, de modo análogo, para Samedo (2011), são mais de 80 ilhas.

Politicamente, o país está organizado em oito regiões administrativas (Bafatá, Bolama, Biombo, Gabú, Cacheu, Oio, Quinara e Tombali) e um sector autónimo (Bissau). Conta ainda com 38 sectores localizados nas regiões indicadas (M'BUNDE, 2018, p. 63) (ver Figura 1).

Figura 1 - Guiné-Bissau, mapa político



Fonte: <http://novasdaguinebissau.blogspot.com/2014/09/banco-mundial-e-guine-bissau-defenderam.html>

O país apresenta uma baixa altitude, pois o seu ponto mais alto compreende 300 metros acima do nível do mar. A parte interna da Guiné-Bissau é composta por savanas enquanto o litoral é formado por uma planície pantanosa. Localizado entre a linha do Equador e o Trópico de Câncer, a Guiné-Bissau tem um clima tropical, identificado por períodos quentes e úmidos. Portanto, esse território possui duas estações do ano - uma chuvosa e outra seca-, contando com vários rios, mas os mais importantes são Cacheu, Geba e Mansoa (PEREIRA & HUGO, 2009).

Conforme a UNESCO (2014), a Guiné-Bissau conta com mais de 1,6 milhões de habitantes em 2012, registra para o mesmo ano um PIB por habitante de \$ 532 (dólares americanos). O seu crescimento económico não ultrapassou os 2,2% desde 2000 até o ano 2012, uma das principais causas tem a ver com as sucessivas instabilidades políticas que se verificam no país. Esse fato condicionou a Guiné-Bissau a ocupar um dos assentos no grupo dos países menos eficientes em matéria de desenvolvimento humano, deste modo se posiciona em 176ª posição de 187. A Guiné-Bissau apresenta acima de tudo um crescimento demográfico de 2,4% por ano.

As principais atividades econômicas do país são a pesca, a agricultura e o comércio. No âmbito da agricultura, a produção de castanha-de-caju pelos

agricultores gera um rendimento importante na composição do PIB, posto que representa 98% das exportações do país. A Guiné-Bissau é conhecida também como enorme potencial dos recursos pesqueiros, alcançando anualmente 275 mil toneladas, algo que atrai os investidores estrangeiros, portanto, o país conta com um número significativo de agências estrangeiras de pesca conforme aponta M'bundé (2018, p.64).

2.2 SITUAÇÃO HISTÓRICA

A Guiné-Bissau, pequeno território da costa ocidental da África, ex-colônia portuguesa, recebeu os europeus ainda na primeira metade do século XV. Conforme M'bunde (2018. p. 6), a data de 1446 marcou a chegada dos portugueses no solo guineense, altura em que o navegador e explorador português Nuno Tristão desembarcou com a sua frota no território africano com a finalidade de estabelecer as relações comerciais com os povos da região, na fase da ocupação.

Entretanto, a presença europeia e as suas intenções nessa região não foram bem vistas pelos nativos, fato que gerou tantas revoltas de que trataremos mais à frente. O próprio Tristão foi envenenado e morto com uma flecha, na sequência de um conflito com a população local. Contudo, só momentos seguintes ao ano da chegada portuguesa que o Álvaro Fernandes conseguiu instalar-se na região (Cf. BULL, 1989; KIHM, 1994; INTUMBO, 2007 *apud* COSTA, 2014, p. 44).

Os interesses comerciais, centrados principalmente nos escravizados, e a localização geográfica estratégica e privilegiada de Cabo Verde fizeram com que a administração da Guiné-Bissau fosse unificada a Cabo Verde. Conforme Holm (1989, p.275 *apud* COSTA, 2014), desde 1462, a Guiné-Bissau teria sido unificada administrativamente a Cabo Verde, perdurando até o ano de 1879, ou seja, foram mais do que quatro séculos que a Guiné-Bissau manteve a sua administração unificada aos caboverdianos.

Ao longo da sua história, a Guiné-Bissau mudou a sua capital por três vezes. Cacheu foi a primeira capital, região conhecida até então por “província”, fundada por Manuel Lopes Cardoso, em 1588. Portanto, foi nos finais do século XVII em Cacheu que teria nascido a cultura crioula na região da Guiné. Em 1859, quase três séculos depois, a capital foi transferida para Bolama que se mantivera por 82 anos como

capital da província, assim sendo, em 1941, a capital foi transferida para Bissau (BULL, 1989 *apud* COSTA, 2014, p. 45).

Vale ressaltar que desde a chegada dos europeus ao território costeiro da Guiné, os povos autóctones já haviam compreendido as intenções desses, por isso, efetuaram várias revoltas como resistência contra a dominação colonial como veremos logo em seguida. Agrupamos, então, tais resistências em duas fases (dispersa e unificada).

2.2.1 Resistência dispersa

Houve resistências dispersas dos povos residentes do território contra o jugo colonial dos portugueses, franceses e ingleses, no caso da revolta dos régulos da Mata e de Mompataz que recusaram a se submeter às autoridades portuguesas de Cacheu, obrigando essas a pedir ajuda de Cabo Verde em 1679. Bacampolo, régulo dos Papeis, em 1687 impediu a instalação dos franceses no interior do país. No mesmo ano, os Bijagós não permitiram a ocupação dos estrangeiros na ilha de Bolama. Em 1696, o régulo Incinhate não aceitou a submissão às autoridades da fortaleza de Bissau, portanto, em 1708 o forte de Bissau foi destruído, fato que obrigou os portugueses a refugiarem-se em Cacheu. Em 1753, houve um novo ataque à fortaleza de Bissau sob o comando do régulo Palanka. Em 1792, os bijagós dominaram e escravizaram os ingleses, portanto, vendem os mesmos a preço dos outros escravos. No ano de 1828, o régulo de Canhabak nega a venda do seu terreno tanto para os portugueses quanto aos outros estrangeiros (LOPES, 1986, p. 12-13)

As resistências continuaram, de modo que, em 1847, os Mandingas revoltaram-se contra o presídio¹ de Farim. Em 1861, ocorreu a guerra entre os portugueses e os Biafadas nas áreas de Bambadinca e Geba. Foi exatamente nessa época que a praça de Cacheu foi atacada pelos habitantes de Churo, Cacanda, Pecaú e Mata. Em 1878, foi massacrada uma força militar portuguesa pelos Felupes do rio Bolô. Um ano depois (1879) iniciou-se então a guerra que veio a durar 20 anos dos

¹ A Praça é a povoação fortificada e armada com permanência, organizada para compensar a falta de obstáculos naturais dos seus limites. O Presídio, por seu turno, é a praça de pequenas dimensões e poucos meios defensivos de tipo militar (BULL, 1989, p. 62 *apud* CHAPOUTO, 2014, p.3).

Fulas contra os portugueses. Em 1884, os Papeis e Balantas juntaram-se e desencadearam um novo ataque à fortaleza de Bissau (LOPES, 1986, p. 14-15).

A conferência de Berlim que aconteceu em 1884 – 1885 foi decisiva para sanar os conflitos que existiam sobre posse de terras entre as potências europeias no continente africano. A conferência tinha como objetivo regulamentar a expansão das potências europeias, indicando limites da ocupação de cada potência colonial em África. Foi a partir desse momento que a Guiné-Bissau, a então Guiné-Portuguesa, ficou exclusivamente sob o domínio do Portugal (MELLO, 2007, p. 21).

Entretanto, de acordo com Ampagatubó (2008 *apud* M'BUNDE, 2018, P. 62), a plena colonização da Guiné-Bissau se deu apenas a partir da primeira metade do século XIX, ou seja, quatro séculos se passaram para que os portugueses pudessem efetuar efetivamente o processo da colonização dos povos residentes na região.

2.2.2 Resistência unificada

Conforme Lopes (1986) a resistência unificada do povo guineense foi possível só depois da criação do *Partido Africano de Independência da Guiné-Bissau e Cabo-Verde* (PAIGC) em 1956, com destaque para o líder Amilcar Lopes Cabral.

Em 24 de Setembro de 1973, a Guiné-Bissau tomou a sua independência depois de ter efetuado a luta armada, desencadeada pelo PAIGC para a sua libertação nacional contra o regime colonial português. A luta armada que se iniciou no dia 23 de janeiro de 1963 culminou com a proclamação da independência em 24 de setembro do ano de 1973. No entanto, essa proclamação era unilateral, visto que só foi reconhecida pelo colonizador (Portugal) no ano seguinte, isto é, em 10 de setembro de 1974, altura em que foi deposto o regime ditatorial de Lisboa pela Revolução dos Cravos (EMBALÓ, 2008, p. 101).

Desde a proclamação da independência até os dias atuais, o país sofre com as sucessivas instabilidades políticas, fato que acaba gerando crises de várias ordens em outros setores da vida pública do país, em consequência disso, o país se posiciona na lista dos países mais pobres do mundo, conforme indicam os dados da UNESCO (2014).

2.3 SITUAÇÃO LINGUÍSTICA: A FORMAÇÃO DO CRIOULO GUINEENSE

A chegada dos portugueses à região da atual Guiné-Bissau em 1446 abriu um episódio de contato intercultural entre diferentes povos autóctones locais com os lusitanos (CHAPOUTO, 2014, p. 3). Por consequência, os primeiros invasores e exploradores portugueses também conhecidos por *lançados* tinham por objetivo explorar a região da atual Guiné-Bissau, por este motivo, estabeleceram contatos comerciais e de convivência nas fases iniciais da ocupação com os cidadãos da região, tais contatos permitiram o surgimento dos chamados *grumetes* (cidadãos autóctones que colaboravam com os lançados), já que havia necessidade de manter a convivência com o povo local. Desta forma, surgiram as primeiras organizações administrativas por meio da criação das praças e presídios, que são alicerces para a sustentação do processo colonial no país (CHAPOUTO, 2014).

Conforme Bull (1989, p. 62 *apud* CHAPOUTO, 2014, p. 3), havia duas praças que se localizavam nas cidades de Cacheu e Bissau. Em Zinguinchor, Geba e Lugar do Rio Nuno se encontravam os Presídios. Os entrepostos comerciais também foram criados para que os lançados pudessem efetuar os seus trabalhos.

Os *lançados* são considerados importantes na formação do crioulo guineense. De acordo com Chapouto (2014, p. 3-4), estes desempenharam um papel importante na formação da nova língua, pois conseguiram integrar a realidade sociocultural dos nativos, efetuando dessa forma casamentos com as mulheres locais. As referidas mulheres que se casavam com os *lançados* eram chamadas de *tangomãs* e os filhos gerados a partir desses casamentos eram denominados os *filhos da terra*. Desta maneira, começaram a surgir comunidades resultantes da colonização, como afirma Scantamburlo (1994 *apud* CHAPOUTO, 2014, p. 4):

Estavam, então, edificados os primeiros agrupamentos resultantes da colonização portuguesa, cuja população era maioritariamente constituída por lançados, grumetes, tangomãs e filhos da terra, e estava criado o ambiente favorável ao surgimento de uma nova forma de comunicação – o pidgin, e posteriormente o crioulo – que desse resposta às necessidades de uma comunidade multicultural.

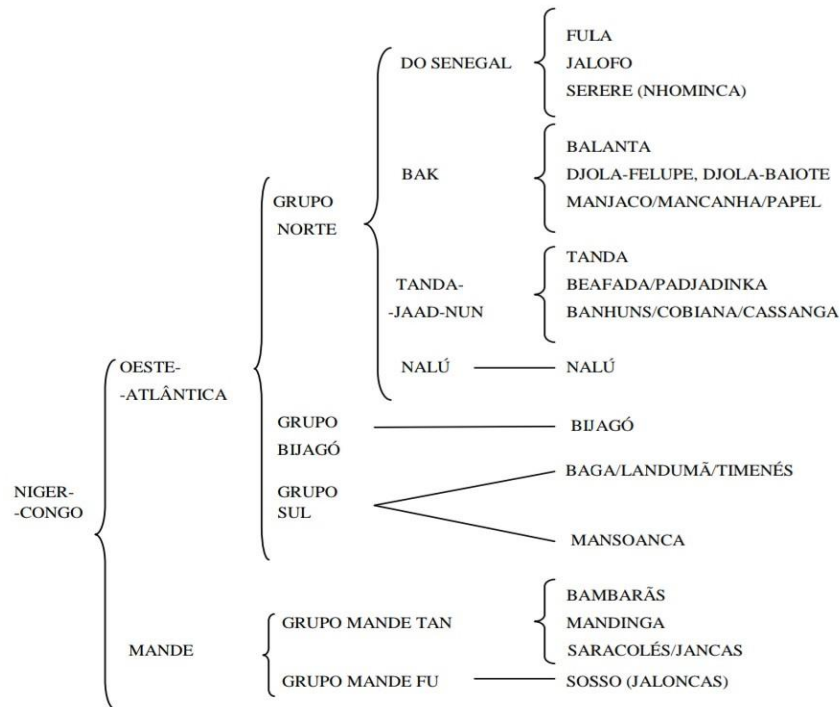
A partir dessa afirmação, compreende-se que os *lançados*, os *grumetes*, as *tangomãs* e os *filhos da terra* criaram as condições para o surgimento do guineense, posto que se encontravam numa situação de necessidade de comunicação, contudo,

num ambiente multilíngue e multicultural. Como resultado desse contato sociocultural e linguístico, surgiu um código emergencial que mais tarde se tornou uma língua plena, natural, o guineense nativo de muitos *filhos da terra*. Segundo Couto (1994 *apud* CHAPOUTO, 2014, p. 4), os filhos da terra foram, então, os primeiros falantes do guineense.

A Guiné-Bissau é um país multilíngue, povoado por diversos grupos linguísticos. A concentração e afixação desses povos nessa região devem-se muito à grande quantidade de produtos que a região dispõe e que serve para a prática do comércio. Esse mosaico linguístico existia antes mesmo da chegada dos exploradores portugueses ao território.

Em conformidade com Scantamburlo (1999, p. 56-57 *apud* CHAPOUTO, 2014, p. 7), as línguas autóctones da Guiné-Bissau são classificadas em grupos, conforme o esquema abaixo.

Figura 2 - Classificação das línguas da Guiné-Bissau



Fonte: Esquema retirado do (CHAPOUTO, 2014, p. 7)

Assim, conforme Chapouto (2014, p. 7), teria sido o contato da língua portuguesa com estas línguas nativas da região que deu origem ao guineense. Nesta ordem de ideia, Embaló (2008, p. 102) afirma que, devido à diversidade linguística da

região, o *kriol* (guineense) teria sido formado entre o final do século XVI e princípio do século XVII. Entretanto, para a mesma autora, não há consenso entre as opiniões sobre o local onde teria surgido essa língua, por isso aponta algumas opiniões.

Para uns (Naro, 1978) teria sido em Portugal com a ida de escravos negros para lá ainda no século XV. De lá teria “emigrado” para a África. Outros estudiosos defendem que o berço da língua crioula foi Cabo Verde, como Peck (1988) e Kihm (1994) e, por fim, uma terceira corrente considera que foi na Guiné que ele se formou (Rougé, 1986). (EMBALÓ, 2008, p. 102)

Comparados, o guineense e o cabo-verdiano guardam semelhanças estruturais que apontam para um potencial parentesco genético que requer estudos mais acurados, não sendo o escopo da presente análise, mas que será brevemente tratado a seguir. Ademais, pode-se afirmar que ambos pertencem a um grupo denominado crioulos da Alta Guiné, considerado o mais antigo cluster de línguas crioulas de base portuguesa no continente africano (EMBALÓ, 2008, p. 102).

2.3.1 Origem do guineense

A questão do local da origem do guineense tem sido o objeto de discordância entre os estudiosos, visto que essa língua apresenta semelhanças com o cabo-verdiano, os falantes das duas línguas compreendem-se parcialmente e compartilham laços históricos. A questão que se coloca, então, é: onde teria surgido o Guineense? em Guiné-Bissau ou em Cabo Verde? (CUNHA, 1981 *apud* Chapouto, 2014, p. 4).

De acordo com Chapouto (2014), em conformidade com outros investigadores, antes de dar qualquer resposta, é preciso verificar algumas circunstâncias que permitem a ocorrência do processo de pidginização/crioulização. Nesta ótica, Couto (1994, p. 28-29) baseando nas propostas de Chaudenson e Bollée aponta os traços importantes que caracterizam as situações de colonização que favorecem o surgimento de uma língua crioula, tais como a sociedade de habitação, a sociedade de plantação e a existência da sociedade multilíngue.

Dadas a característica geográfica, a composição demográfica e a característica histórica da colonização portuguesa na Guiné-Bissau, se considerarmos a hipótese que sustenta o surgimento do guineense nesse território, então, estamos partindo do pressuposto de que o processo da formação do crioulo ocorreu numa sociedade multilíngue. O tipo da colonização aplicado nessa região é caracterizado como

“sociedade de habitação”, pois os colonizadores encontraram o local já habitado e ali esses habitantes mantiveram-se, estabelecendo contatos comerciais, culturais e linguísticos com os europeus (COUTO, 1994 *apud* CHAPOUTO, 2014, p. 5).

Contudo, existe uma oposição a essa hipótese, que indica Cabo-Verde como local propício para a formação de um crioulo, tendo em conta as características geográficas, históricas e as situações que condicionaram o povoamento desta região insular. Para Couto (1994, p. 30 *apud* CHAPOUTO, 2014, p. 5), o arquipélago foi encontrado desabitado e foi povoado depois pelos escravizados oriundos de diferentes partes do continente africano que possuíam também diferentes línguas, formou-se, então, uma sociedade multilíngue. Além do mais, existia também a sociedade de plantação, pois nesse espaço cultivavam-se o algodão e outras especiarias, portanto, compreende-se que a colonização plena ocorreu apenas em Cabo Verde, fato que favoreceu o processo da criouliização.

Diante das duas hipóteses, Couto (1994 *apud* CHAPOUTO, 2014) não se posiciona a favor de nenhuma delas, porque, para o autor, o crioulo teria sido formado, ao mesmo tempo, na Guiné-Bissau e em Cabo Verde, visto que, desde a chegada dos portugueses ao continente, as duas regiões eram frequentadas com “constante fluxo e refluxo” dos colonizadores. Fato que proporcionou ambientes de contato propícios para o surgimento da língua crioula tanto em Guiné-Bissau assim como em Cabo-verde (COUTO, 1994 *apud* CHAPOUTO, 2014, p. 6).

Vale ressaltar que o foco do nosso trabalho não é voltado para o surgimento do crioulo guineense, mas para o processo da reduplicação dessa língua, deste modo, não aprofundaremos as discussões sobre a origem dessa língua de contato. Assim não pretendemos nos posicionar a favor ou não duma das hipóteses tratadas, visto que se necessitam avaliar e considerar um maior número de evidências de que muitos desses estudos ainda não dispõem.

2.3.2 O guineense entre várias outras línguas da Guiné-Bissau

O guineense é a língua mais falada na Guiné-Bissau. Segundo Fernandes (2010, p. 9), 90% da população desse país usa o guineense na sua comunicação e 10% usa o português, contudo, o português é oficial e o guineense é nacional, e, existem ainda línguas nativas das quais destacamos as mais faladas no quadro 1, proposto por Scantamburlo (1999, p. 55-56 *apud* CHAPOUTO, 2014, p. 9).

Quadro 1 - Principais línguas autóctones com os seus respectivos números de falantes

Línguas nativas	Número de falantes
Balanta	245.000
Fula	200.000
Mandinga	100.000
Manjaco	80.000
Papel	72.000
Beafada	20.000
Bijagó	20.000
Mancanha	19.000
Felupe	15.000
Nalú	4.000

Como já referimos antes, as línguas alistadas nesta tabela são apenas as principais, pois o país dispõe de cerca de 30 línguas autóctones (M'BUNDE, 2018, p. 62).

No que diz respeito ao uso do guineense e das outras línguas nativas, Couto (1991, p. 43) aponta que o uso do crioulo é predominantemente verificado nas áreas urbanas (cidades), ao passo que as línguas nativas dominam as zonas rurais. Contudo, ainda assim, hoje em dia, existe um número significativo de falantes do guineense nas zonas rurais. Desta forma, o crioulo é a língua que une e permite a comunicação entre todos os grupos linguísticos do país.

É importante frisar que as línguas de contato, como é o caso do guineense, de modo geral, são desvalorizadas e atribuídas as características de morfologias simplificadas. Acima de tudo, são consideradas inferiores em relação às outras línguas humanas, Bloomfield (1933 *apud* PRATAS, 2002, p. 7) é um exemplo. Alguns teóricos tradicionais chegam a afirmar que estas línguas não possuem processos morfológicos, como se vê em McWhorter (1998 *apud* FREITAS & BANDEIRA, 2016, p. 245). Por esse motivo, no capítulo que se segue, procuraremos discutir sobre a existência dos processos morfológicos nas línguas do contato e evidenciar as suas complexidades através do processo da reduplicação no guineense.

3 CAPÍTULO III: PROCESSOS MORFOLÓGICOS NAS LÍNGUAS DE CONTATO

O presente capítulo tem por finalidade discutir sobre a existência de processos morfológicos nas línguas do contato, a partir das concepções teóricas acerca do fenômeno das estruturas morfológicas nas línguas crioulas. Assim, a proposta do estudo define um olhar específico sobre a existência do processo da reduplicação em guineense.

A este propósito, procuramos organizar as discussões em partes. Em primeiro lugar, tratamos das teorias que se contrapõem acerca dos conceitos associados à morfologia das línguas do contato, em que defendemos a hipótese que reconhece estruturas morfológicas complexas nestas línguas. Em segundo momento (3.2), efetuamos a definição do processo da reduplicação apoiando em alguns autores como, Bandeira & Freitas (2012, p. 326), Araujo (2002) entre outros. Fechamos esta etapa ilustrando a existência do processo da reduplicação no português brasileiro e nas línguas de contato com o objetivo de sustentar a nossa defesa aos processos morfológicos complexos nas línguas já referidas.

A desvalorização da estrutura linguística das línguas de contato, em especial das línguas crioulas, pelos teóricos tradicionais contribuiu para nossa motivação em trabalhar com a reduplicação como forma recorrente de criação de novas palavras em guineense moderno.

Conforme descreve Kager (1999 *apud* BANDEIRA & FREITAS 2012, p. 252), “a reduplicação é um processo morfológico que consiste em repetir parte ou todo de uma palavra, com intuito de criar distinção lexical”. Com efeito, a reduplicação é um processo morfológico presente nas construções morfossintáticas dos falantes do guineense. Na seção que se segue, apresentaremos o Guineense como língua de contato e viajaremos nas discussões sobre os conceitos atribuídos às línguas de contato.

3.1 OS CONCEITOS ASSOCIADOS ÀS LÍNGUAS CRIOULAS

A língua nacional é aquela que carrega consigo traços culturais que identificam um povo e representa a consciência nacional do mesmo (FERNANDES, 2010, p. 4). Deste modo, o guineense é a língua que identifica os guineenses, por ser a língua que une e permite a comunicação entre todos os grupos linguísticos nativos do país, pois,

por meio dela, transmitem-se os valores sociais, históricos e culturais do povo. Entretanto, isso não quer dizer que as outras línguas do país não carregam tais valores.

Conforme aponta Bandeira (2017, p. 101): “Na linguística, o termo (crioulo) remete ao fato de a língua ter sido criada em um ambiente multilinguístico, porém com uma língua politicamente dominante e várias outras sem prestígio”. Essa explicação da autora indica as características que o guineense apresenta, porque, de acordo com Chapouto (2014, p. 7), o guineense surgiu por meio do contato do português com as línguas nativas da região conhecido, hoje por Guiné-Bissau. Hoje em dia, o país conta com o português como língua oficial, que politicamente exerce o seu domínio nas esferas das ações públicas, como, por exemplo, no ensino oficial e na produção dos documentos oficiais enquanto as demais línguas se restringem muitas vezes às esferas privadas e não oficiais.

Ao guineense tal como às outras línguas crioulas são atribuídas as características equivocadas pelos teóricos tradicionais como, por exemplo, os rótulos de “mais simples”, “corrompida”, “ininteligível”, “altamente aberrante”, “sem morfologia”, “uma adaptação das línguas dos colonizadores” conforme discutiremos em seguida.

Não é por acaso que as línguas crioulas são atribuídas as características inferiores em relação às línguas não crioulas. Talvez as situações que resultaram no seu surgimento e a posição inferior na hierarquia social ocupada pelos seus falantes na sociedade tenham contribuído para tantas definições tendenciosas que começam na própria história do termo crioulo. Há indícios de que o nome *crioulo* derive do verbo *criar* ou do substantivo *cria* e assumiu diferentes campos semânticos ao longo do tempo. Conforme explica Lucchesi (2003, p. 5), foi por meio da forma verbal do infinitivo (*criar*) e do substantivo (*cria*) que teria surgido a palavra *crioulo*. No primeiro instante, o termo servia para designar os nascidos no lugar, conseqüentemente, no processo colonial, passou a referir aos nascidos na América, isto é, os escravizados nascidos no Brasil, com vista a diferenciá-los dos trazidos da África. Após o fim do processo colonial o termo ganhou um campo semântico genérico, passando, assim, a referir a qualquer indivíduo da cor negra².

² Vale ressaltar, então, que tais mudanças de sentidos do termo *crioulo* referidas aqui são específicas do contexto brasileiro. Em outros contextos linguísticos, o referido termo significa ‘nativo’ ou ‘mestiço’ (LUCCHESI, (2003, p. 6)

Como as línguas crioulas são designadas a partir desse termo, de certa forma, é possível compreender que por se tratarem de línguas surgidas numa condição de opressão, de violência e falada por grupo de indivíduos considerados socialmente “inferiores”, essas línguas não podiam escapar de tantas definições eurocêntricas, racistas e preconceituosas, como se pode constatar nas linhas que se seguem.

Para Saint-Quentin (1872 [1989], p. 40-41] *apud* PRATAS, 2002, p. 6), uma língua crioula seria, portanto, uma consequência de um “produto espontâneo da mente humana” desprovida de qualquer que seja “cultura intelectual”.

Os crioulos do Luisiana e do Haiti são definidos no Dicionário Larousse do século XIX (1869) como “um ‘francês corrompido’ que seria ininteligível apenas quando é falado pelo velho africano, contudo, doce quando é expresso pelas mulheres crioulas brancas” (DEGRAFF, 2001, p. 94 *apud* PRATAS, 2002, p. 6).

É fácil compreender, então, as questões raciais e preconceituosas nas definições anteriores sobre as línguas crioulas. Em conformidade com Munanga (2014), a intervenção de caracteres biológicos como justificativa para os comportamentos que diferenciam humanos constitui o berço do racismo. São importantes as abordagens do Munanga, pois muitas definições atribuídas às línguas crioulas são baseadas em ideias racistas. Do mesmo modo que consideram negros como inferiores, também são caracterizadas as línguas faladas por eles, portanto, não é por acaso que as línguas crioulas são consideradas mais simples, ininteligíveis. As afirmações que tratam as línguas de contato desta forma são infundadas, sem quaisquer evidências de dados científicos que as comprovem. São sustentadas por grandes equívocos ao se basearem em ideias racistas, como se observa também em seguida.

Para Bloomfield (1933 *apud* PRATAS, 2002, p. 7), o surgimento dos crioulos justifica-se por menos progressos dos “falantes de uma língua inferior” na aprendizagem da língua dominante. Por este motivo, as línguas crioulas seguem sofrendo definições que as inferiorizam morfologicamente em relação as outras línguas.

Segundo McWhorter (1998 *apud* FREITAS & BANDEIRA 2016, p. 245), as línguas crioulas são mais simples do que as línguas não crioulas (como o português ou o francês), pois, em sua opinião, as línguas crioulas não teriam existido por tempo suficiente para adquirir e aperfeiçoar as complexidades que o português adquiriu, por exemplo, por isso não teriam morfologia.

Muitos teóricos se enquadram na linha do pensamento de McWhorter (1998) e apontam para as línguas crioulas como línguas que possuem características menos complexas, inferiores, ou seja, fazem observações pejorativas sobre as línguas crioulas, conforme apontamos no Quadro 2.

Quadro 2 - Síntese das características dadas às línguas crioulas em comparação com as não crioulas

Aspectos	Línguas	
	Crioulas	Não crioulas
Semelhanças entre si	Mais semelhantes	Menos semelhantes
Morfológicos	Menos complexas	Mais complexas
Sintáticos	Menos complexas	Mais complexas
Fonológicos	Menos complexas	Mais complexas
Gramaticais	Mais misturadas	Menos misturadas
Variação interna	Mais amplas	Menos amplas

De acordo com Muysken e Smith (1995, p. 8-9) em relação as outras línguas humanas, as línguas crioulas são definidas como línguas mais semelhantes entre si. Em ordem morfológica, sintática e fonológica são consideradas mais simples. No que se refere à gramática, línguas crioulas apresentam uma gramática mais “misturada” em comparação com as outras línguas não crioulas. São consideradas também línguas que possuem uma variação interna mais ampla ao contrário das outras línguas não crioulas.

Crowley (2008, p. 77) cita também algumas das justificativas que são usadas para a atribuição da simplicidade morfológica às línguas crioulas e pidgins. Um dos argumentos seria que as línguas crioulas e pidgins apresentariam “uma ausência quase total de morfologia não flexionada, uma ausência de informação morfológica codificada de forma redundante”. Contariam ainda com “pouca ou nenhuma

morfologia derivacional”. Enfim registram a falta de “infixação, simulação ou modificação da raiz”. Tais concepções serviram de alicerce para o prestígio das línguas dos colonizadores (como português, francês, inglês, espanhol e holandês) e conseqüentemente a desvalorização das línguas crioulas, frutos do período colonial e neocolonial. Contudo, esses argumentos revelam uma visão limitada, descuidada e sustentada por grandes equívocos teóricos sobre os recursos linguísticos que uma língua crioula apresenta. Nesta ordem de ideia, são pertinentes as questões e considerações de Pratas (2002, p. 10):

Dizer que não houve tempo para os “aperfeiçoamentos” deverá implicar que estamos a referir-nos aos primeiros anos do contacto de línguas, e não aos quatro ou cinco séculos que se lhe seguiram; se assim não for, qual falta de tempo? Mas, acima de tudo, que “aperfeiçoamentos”? Não será precisamente porque uma língua tem em si todos os elementos estruturais necessários aos seus falantes [...].

Pratas (2002) e Soares (2017) compartilham opiniões semelhantes. Conforme Soares (2017, p. 60), não existem línguas mais complexas e nem mais simples do que as outras, pois todas as línguas são adequadas às necessidades e características da cultura em que são usadas, por isso todas elas são válidas e servem como mecanismos para estabelecer a comunicação social. Por sua vez, Camacho (2018, p. 37) afirma que todas as línguas dispõem de mecanismos adequados que expressam “conceitos e proporções lógicas”.

Nesta lógica do pensamento, podemos afirmar que não existe ausência alguma, tampouco faltam recursos morfológicos nas línguas de contato, pois todas as línguas têm as suas formas de marcar as suas informações morfológicas de modo a proporcionar mecanismos estruturais suficientes para a comunicação entre os seus falantes.

É importante observarmos a inquietação de Lucchesi (2003, p. 7-8):

Mas se o crioulo é uma língua transmitida de geração para geração dentro de uma determinada comunidade de fala e adquirida com o recurso aos dispositivos universais da faculdade da linguagem, em que uma língua desse tipo se diferenciaria de qualquer outra língua humana?

O problema não reside em dizer que as línguas crioulas são diferentes das outras línguas naturais, mas está em como estas diferenças são tomadas. O fato de as línguas compreenderem sistemas diferentes de realização morfossintática não

implica uma insuficiência semântica para que o assunto seja compreendido em qualquer esfera comunicativa, tanto na língua x quanto na língua y. Tomemos, como exemplo, as sentenças que se seguem em guineense e português respectivamente.

1. Nha mamé tchiga aonti (*Guineense*)

“A minha mãe chegou ontem.”

2. A minha mãe chegou ontem. (Português)

Percebe-se que nas duas sentenças há uma diferença de ordem morfossintática. A sentença demonstrada em (1) em guineense não marcou o determinante por meio do artigo definido feminino singular “a” para se referir ao substantivo ou nome comum feminino singular (mãe). Fato que em algumas circunstâncias é necessário no português como se vê em (2). Mesmo assim, as duas sentenças expressam o mesmo conteúdo semântico com graus de informações necessárias para que os supostos interlocutores possam compreender o conteúdo.

O fato de em guineense não se usa o artigo não significa que essa língua careça de elementos gramaticais, mas significa que os falantes do referido idioma não necessitam dessa forma linguística para transmitir as suas intenções comunicativas e, portanto, nem por isso, pode-se dizer que o guineense é mais simples ou menos complexo em relação ao português, nem em relação a qualquer outra língua.

Essa análise nos leva, então, às perguntas propostas por Pratas (2002, p. 10):

A propósito da velha questão relacionada com a morfologia verbal simples dos crioulos, resultantes de “mutilação” de morfologia verbal das línguas europeias: o que quer dizer quanto à morfologia simples do inglês, que nos verbos regulares apresenta apenas um morfema de passado e, no presente, apresenta apenas um morfema de terceira pessoa do singular não tendo nenhum marcador realizado em todas as outras pessoas? Como explicaremos esta “simplicidade”? Terá sido fruto de “mutilações”? Motivadas por que argumento de ordem cultural?

Por conseguinte, as concepções teóricas que sustentam a ideia de que algumas línguas são mais complexas e outras mais simples são tentativas preconceituosas de avaliar línguas como superiores e outras como inferiores. Por isso, de acordo com as evidências sociolinguísticas, “as línguas são apenas diferentes umas das outras”, assim, qualquer avaliação de ‘superioridade’ ou de ‘inferioridade’ é

reprovada cientificamente (SOARES, 2017, p. 61).

As considerações de Pratas (2002), Soares (2017) e Camacho (2018) despertaram a nossa atenção a estudar os processos morfológicos que existem em guineense, em especial, o processo da reduplicação por ser um recurso de formação de novas palavras. Portanto, para comprovação da existência de processos morfológicos na referida língua e a sua complexidade, elegemos para o nosso estudo o fenômeno da reduplicação.

3.2 REDUPLICAÇÃO

A reduplicação é um dos processos morfológicos que tem como objetivo formar novas palavras. Conforme Bandeira & Freitas (2012, p. 326), é entendido como reduplicação a repetição de elementos de uma palavra, sendo que essa repetição pode afetar uma parte ou toda uma palavra com a finalidade de produzir um novo vocábulo.

A partir dessa concepção, pode-se afirmar que o processo de reduplicação se manifesta por duas formas, parcial e total, visto que a primeira ocorre quando é repetida apenas uma parte da sequência fonológica e a segunda é atribuída aos casos em que a repetição é efetuada abrangendo toda a sequência fonológica da palavra (ARAUJO, 2002, p.74).

É importante deixar claro que o processo morfológico ao qual estamos a nos referir subdivide-se em dois tipos: verdadeiro e falso. Sendo assim, é pertinente a perspectiva de Bandeira & Freitas (2012, p. 316), “[...]deve-se distinguir os casos de reduplicação verdadeira, em que a parte reduplicada apresenta um conteúdo lexical independente [...]”, como, por exemplo, a forma do guineense **padjiga** ‘espalhar’ e **padjiga-padjiga** ‘espalhar por todos os lados’, no entanto, a reduplicação falsa é aquela que existe apenas na forma reduplicada como no caso de **ieri-ieri** ‘chuviscar’, denominada pseudo reduplicação. Esta forma reduplicada do guineense não contém uma palavra-base que poderia ser, por exemplo, **ieri**, pois, no guineense, o referido item não é independente, ou seja, não existe, por não ter valor semântico sozinho.

3.2.1 Reduplicação no português brasileiro e nas línguas do contato

O processo de reduplicação está presente no português brasileiro e nas línguas do contato, apresentando assim os mesmos objetivos de criar novos itens lexicais.

Conforme Gonçalves & Vialli (2015, p.123), a reduplicação é um processo morfológico presente no português brasileiro, com vista a formar novas palavras, portanto o seu uso é abrangente. Em vista disso, “[...] a formação de palavras por reduplicação ocorre quando uma parte (ou todo) de uma sequência fonológica é repetida resultando em uma nova informação morfológica” (ARAUJO, 2002, p. 61). Ou seja, a reduplicação total ocorre quando há a cópia integral da palavra-base como em *corre* ‘flexão do verbo correr’ e *corre-corre* ‘confusão’. A reduplicação verdadeira se refere às situações em que a palavra-base, como em *corre*, tem existência independente da forma reduplicada (*corre-corre*).

De acordo com Bandeira & Freitas (2012, p. 332), no papiamentu, o processo da reduplicação serve para veicular novas informações morfológicas, consideramos, portanto, entre outros exemplos, as formas: **zeta** ‘óleo’/ **zeta zeta** ‘muito oleoso’; **grupo** ‘grupo’/ **grupo grupo** ‘em grupos’; **bleki** ‘lata’/ **bleki bleki** ‘jogo em que uma lata é usada’.

Foi provada a existência da reduplicação nas línguas crioulas de base lexical portuguesa do golfo da Guiné e no cabo-verdiano, visto que tais idiomas usam esse processo como mecanismo recorrente para criar novos itens lexicais (BANDEIRA & FREITAS, 2016, p. 252) como podemos observar no Quadro 3 dos dados recolhidos a partir de Bandeira & Freitas (2016, p. 252-253).

Quadro 3 - Reduplicação nas línguas de base lexical portuguesa do golfo da Guiné e no cabo-verdiano

Línguas	Palavra-Base	Forma reduplicada
Lung'le	Dexi 'dez'	Dexi-dexi 'cem'
Fa d'Ambô	Xinza 'cinza'	Xinza-xinza 'em cinzas'
Santome	Vede 'verdadeiro'	Vede-vede 'muito verdadeiro'
Angolar	Pinho 'espinho'	Pinho-pinho 'espinhento'
Cabo-verdiano	Páka 'embrulho, maço'	Páka-páka 'em maços, aos bocados'

Fonte: Bandeira & Freitas (2016, p. 252-253)

É possível perceber que é relevante o referido processo morfológico para as línguas citadas no Quadro 3, porque, segundo Gonçalves & Vialli, (2015, p.124), as línguas realizam o processo da reduplicação “em flexões, para transmitir uma função gramatical, tal como a pluralidade, e em derivações lexicais” com o intuito de formar outras palavras que, portanto, carregam os variados valores semânticos. Para melhor compreensão do assunto é importante destacar as considerações dos mesmos teóricos.

Dessa forma, a reduplicação pode ser total (XX) ou parcial (xX) e a forma reduplicada não preserva a mesma função semântica e gramatical da base. Quando a reduplicação for parcial, os segmentos copiados podem pertencer ao início, meio ou final da base original; por isso mesmo, a reduplicação é um tipo especial de afixação [...] um processo morfológico que, de acordo com Key (1965), pode dar ideia de iteração, pluralidade, intensificação, distributividade, diminuição e mudança de categoria gramatical (GONÇALVES & VIALLI, 2015, p.127).

Este trecho traz de forma reduzida aquilo que muitos autores abordam sobre o processo da reduplicação. Assim, concluímos que o processo da reduplicação é um fenômeno morfológico existente em várias línguas e que tem como objetivo criar itens lexicais com cargas semânticas diversas.

Entretanto, existem outros processos morfológicos nas referidas línguas que reforçam a veracidade das complexidades morfossintáticas destes idiomas. Em concordância com Araujo (em preparação), o santome e o lung'le são crioulos de base

lexical portuguesa que surgiram no século XVI. Porém, são línguas que comportam estruturas morfológicas ininteligíveis entre si, ademais, possuem ideofones. A partir dessa afirmação, podemos afirmar que o processo da reduplicação não é o único processo morfológico das línguas de contato que pode evidenciar a complexidade, mas sim é apenas um entre vários outros, o ideofone é sim, um fenômeno existente nestas línguas, vejamos, em seguida, os exemplos de ideofones das línguas de São Tomé e Príncipe (santome e lung'le) no quadro 4.

Quadro 4 - Exemplos de formas de ideofones no santome e no lung'le

Língua	Exemplo de ideofones	Significado em português
Santome	blanku fenene	'muito branco, branquíssimo, branco como a neve'
	klalu fenene	'muito claro, claríssimo'
Lung'le	vemê rarara	'muito vermelho, vermelhíssimo'
	vemê barara	'muito vermelho, vermelhíssimo'

Fonte: Araujo (em preparação)

Então, os Ideofones são nomes dados à segunda parte de uma unidade multilexical, geralmente são de uso restrito e aplicados apenas a um item (ARAUJO, em preparação), conforme demonstram os exemplos do quadro 4.

Há quem confunda o ideofone com a reduplicação, mas são processos morfológicos distintos, uma vez que a reduplicação consiste em repetir uma parte ou o todo de uma palavra para exprimir novos sentidos semânticos como pontua Araujo (2002), ao passo que o ideofone é uma unidade acrescentada a uma forma lexical para acrescentar informações ao item. Nesse sentido, o ideofone é um fenômeno linguístico que se faz presente também no guineense, conforme ilustra o quadro 5.

Quadro 5 - Exemplos de ideofones em guineense

Guineense	
Exemplos	Significados
Burmedju wak	‘Muito vermelho, vermelhíssimo’
Burmedju tchadau	‘Muito vermelho, vermelhíssimo’
Kinti wid	‘muito quente’
Lebi kef	‘muito leve’
Firia yem	‘muito frio’

Fonte: dados da pesquisa

Então, os quadros 4 e 5 apresentam mais uma prova de que as línguas crioulas possuem processos morfológicos complexos próprios tais como qualquer outra língua humana, muito ao contrário do que tem sido argumentado pelos teóricos tradicionais sobre a estrutura morfossintática das línguas de contato.

Por essas razões, procuraremos demonstrar através de análise de dados que o guineense, como qualquer língua crioula, possui processos morfológicos complexos, não simples e apresenta recursos linguísticos suficientes que permitem os seus falantes estabelecerem comunicações sem dificuldades. A este propósito, o nosso foco de estudo se concentra agora no processo da reduplicação sob o domínio da fonologia, morfologia e sintaxe.

4 CAPÍTULO IV: ANÁLISES FONOLÓGICAS, MORFOLÓGICAS E SINTÁTICAS DAS FORMAS REDUPLICADAS NO GUINEENSE MODERNO

O capítulo tem por objetivo efetuar as análises fonológicas, morfológicas e sintáticas das formas reduplicadas do guineense encontradas, para este efeito, dividimos o referido capítulo em quatro subseções. Na subseção 4.1, procuramos discutir e enquadrar as categorias gramaticais das formas reduplicadas do guineense nos conceitos das nomenclaturas sugeridas por Monteiro (2002). A subseção 4.2 ocupa-se das discussões fonológicas, isto é, acerca das estruturas silábicas, ou seja, as sílabas copiadas de que as formas reduplicadas guineenses dispõem. Em 4.3, efetuamos análise do comportamento das formas reduplicadas guineenses nas sentenças, posto que o fenômeno da reduplicação não acontece fora das construções morfossintáticas. Por fim, na subseção 4.4, analisamos as formas reduplicadas numa ordem de categorias gramaticais e atentamos para as suas possíveis funções lexicais.

4.1 CLASSES E FUNÇÕES NA PERSPECTIVA DE MONTEIRO (2002)

De acordo com Monteiro (2002), a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) estabelece a classificação dos vocábulos em dez classes de palavras (substantivo, adjetivo, verbo, pronome, numeral, artigo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição). Essa classificação foi criticada pelo mesmo autor. Para Monteiro, houve falha na referida classificação, posto que carece de bases para suportar qualquer crítica, pois, se é entendido que o vocábulo apresenta forma, função e significado, portanto, qualquer tentativa de classificação utilizando apenas um dos critérios (morfológico, sintático ou semântico) gera inevitavelmente conflitos. Desta forma, a tarefa de classificação não deve pertencer isoladamente ao critério morfológico, mas deve envolver todos os critérios.

Por conta das razões citadas anteriormente, Monteiro (2002) chama atenção para não se confundir a classe com a função, visto que, o nome, o pronome e o verbo são classes. O adjetivo e o advérbio são funções. Monteiro (2002) afirma então que a classe pertence ao campo de estudo da morfologia, enquanto que a sintaxe se ocupa dos estudos sobre a função. No entanto, estes limites podem ser ultrapassados a partir de momento em que a proposta de estudo é baseada numa interpretação conjunta, isto é, quando o estudo é morfossintático.

Tais considerações de Monteiro são pertinentes para análise e enquadramento dos vocábulos reduplicados do guineense como classe ou como função, dado que as formas reduplicadas, encontradas através do levantamento de dados que efetuamos a partir do dicionário bilíngue do guineense e português (SCANTAMBURLO, 2002), apresentam as categorias de palavras que expressam naturalmente categorias de classe e de função. Contudo, antes disso, é necessário observar alguns exemplos de formas reduplicadas encontradas em cada categoria.

Quadro 6 - Exemplos das formas a serem reduplicadas no guineense

Categoria	Palavra-base	Forma reduplicada
Nominal	djugu 'jogo'	djugu-djugu 'a casa das térmites'
Verbal	miskinha 'lamentar'	miskinha-miskinha 'lamentar continuamente'
Adjetival	tchan 'firme'	tchan-tchan 'muito firme'
Adverbial	gossi 'agora'	gossi-gossi 'agora mesmo ou nesse mesmo instante'

Fonte: dados da pesquisa

Se formos olhar para o quadro 6 na perspectiva da NGB, todas as categorias desse quadro seriam consideradas classes de palavras. No entanto, estamos convencidos de que nem todas as categorias são classes, apoiando assim nos fundamentos de Monteiro (2002) abordados ao longo deste texto. Sendo assim, enquadraremos as categorias de nome e verbo como classes e as de adjetivo e advérbio como funções. Desta maneira, com os mesmos dados podemos ter outro quadro que define a nossa posição sobre as classes e funções dos vocábulos reduplicados no guineense.

Quadro 7 - Exemplos das palavras-base enquadradas em classe/função

Classes/ funções	Categoria	Palavra-base	Forma reduplicada
Classes	Nome	djugu 'jogo'	djugu-djugu 'a casa das térmitas'
	Verbo	miskinha 'lamentar'	miskinha-miskinha 'lamentar continuamente'
Funções	Adjetivo	tchan 'firme'	tchan-tchan 'muito firme'
	Advérbio	gossi 'agora'	gossi-gossi 'agora mesmo ou nesse mesmo instante'

Fonte: dados da pesquisa

A forma reduplicada **djugu-djugu** "a casa das térmitas" do quadro 7, morfologicamente é reconhecida como forma pertencente à classe nominal, mas se formos observar a mesma forma numa sentença ou sintaticamente, ela assumiria a função do substantivo. Por isso, Monteiro apresentou afirmações pertinentes, principalmente, quando aponta que a classe pertence à morfologia e a função pertence ao campo de estudo da sintaxe. Nesse sentido, observemos a sentença a seguir.

3. Na bati ki djugu-djugu gossi-gossi.

'Vou derrubar aquela casa das térmitas agora mesmo'.

Fica evidente que existem as possibilidades de as formas reduplicadas exercerem funções diferentes, pois a forma **djugu-djugu** desta sentença apresenta a classe de nome, mas, aplicada numa sentença, pode desempenhar a função de substantivo.

Na mesma construção sintática percebe-se que há presença de duas formas reduplicadas subsequentes, isso é frequente na fala dos falantes desse idioma, sendo que, nesse caso, cada forma desempenha uma função diferente da outra, pois a

primeira forma **djugu-djugu** efetua a função de substantivo e a segunda **gossi-gossi** desempenha a sua função de advérbio.

Finalmente, a partir do quadro 8 e reconhecendo as considerações do Monteiro, podemos concluir que são encontradas no processo da reduplicação guineense duas categorias reduplicadas pertencentes à classe (nome e verbo), sendo que os nomes podem expressar funções como adjetivo, advérbio e substantivo.

Assim sendo, procuraremos definir na próxima seção quais são as estruturas silábicas das formas reduplicadas no guineense.

4.2 ESTRUTURAS SILÁBICAS ENVOLVIDAS NO PROCESSO DA REDUPLICAÇÃO NO GUINEENSE

Antes de descrevermos as estruturas silábicas copiadas na reduplicação em guineense, gostaríamos de deixar claro que os moldes silábicos do processo da reduplicação não são idênticos em todos os casos para todas as línguas que usam esse processo morfológico. Em outras palavras, cada idioma tem a sua forma diferenciada para efetuar a reduplicação (se o fenômeno for empregado na referida língua), no entanto é possível encontrar algumas estruturas semelhantes entre as línguas. Portanto, para efeito de ilustrar a nossa afirmação, pretendemos mostrar as estruturas silábicas envolvidas no português brasileiro (doravante PB), e no papiamentu, para depois, tratarmos do guineense.

Conforme Araujo (2002, p. 77), o processo da reduplicação no PB realiza-se apenas com as formas verbais dissilábicas que contêm uma vogal no final da forma da terceira pessoa do singular, por este motivo, não se pode aplicar o processo da reduplicação com a presença de um elemento nasal na coda. Assim, pode-se indicar o verbo *reter* para exemplificar a impossibilidade de reduplicar a sua forma de terceira pessoa do singular *retém*.

Um ponto digno de nota é que a reduplicação é de fato um recurso linguístico muito presente nas línguas que surgiram através do contato das línguas africanas e europeias. O português brasileiro não é uma língua crioula, contudo não podia escapar deste fenômeno linguístico por razões da formação da população brasileira que contou com a presença massiva dos povos africanos e que conseqüentemente acabaram por condicionar a introdução dos traços linguísticos africanos, sobretudo, de algumas línguas do ramo bantu no sistema do português brasileiro. Nesse sentido,

o processo do qual estamos a tratar é um fenômeno linguístico característico do português brasileiro por estar ausente no português europeu (ARAÚJO, 2002, p. 76).

Segundo Bandeira & Freitas (2012, p. 330), o papiamentu usa a estratégia do *template* prosódico para realizar o referido processo, visto que esta língua não faz uma simples cópia dos elementos segmentais, mas apresenta uma característica prosódica justamente por ter mais do que uma forma reduplicada. Desta forma, o papiamentu apresenta as estruturas indicadas no Quadro 8.

Quadro 8 - Realização silábica do processo da reduplicação no papiamentu

Estrutura silábica	Palavra-base	Forma reduplicada
CV.CV	Kara 'cara'	Kara kara 'cara a cara'
V.CV.CV	Asina 'muito'	Asina-asina 'mais ou menos'
CVG	Mei 'meio'	Meimei 'exatamente no meio'
CCVG	Blou 'azul'	Bloublou 'lagarto de rabo / cauda azul'
GVC	Yen 'cheio'	Yen yen 'muito cheio'
CVC	Zut 'doce'	Zutzut 'muito doce'
CVC.CV	Pertá 'apertado, justo'	Pertá pertá 'muito apertado, muito justo'
CCVC	Skur 'escuro'	Skur skur 'muito escuro'

Fonte: Bandeira & Freitas (2012, p. 330)

Os dados do Quadro 8 são retirados de Freitas & Bandeira (2012). A partir dos mesmos dados podemos concluir que o papiamentu apresenta sete moldes silábicos diferentes no processo da reduplicação. Entretanto, tais realizações silábicas neste processo não ocorrem do mesmo jeito no PB, pois, segundo os dados da reduplicação verdadeira da referida língua, indicados em Araujo (2002, p. 76), nota-se que as duas línguas compartilham algumas estruturas, e outras não, conforme é demonstrado no quadro 9.

Quadro 9 - Realização silábica do processo da reduplicação no PB

Estrutura silábica	Palavra-base	Forma reduplicada
CV.CV	<i>Corre</i>	<i>Corre-corre</i>
CV.CV	<i>Mata</i>	<i>Mata-mata</i>
CVC.CV	<i>Pisca</i>	<i>Pisca-pisca</i>
CV.CV	<i>Rola</i>	<i>Rola-rola</i>
CV.CV	<i>Pega</i>	<i>Pega-pega</i>
CV.CV	<i>Pula</i>	<i>Pula-pula</i>
CV.CV	<i>Gira</i>	<i>Gira-gira</i>
CV.CCV	<i>Quebra</i>	<i>Quebra-quebra</i>

Fonte: Araujo (2002, p. 76)

Os dois quadros (8 e 9) demonstram o quanto o processo da reduplicação varia no nível silábico de uma língua para outra, isso era previsível, dado que cada língua usa seu léxico neste processo, considerando as restrições fonológicas que esses itens vão demandar ao falante. Contudo, não se deve descartar a possibilidade de as línguas compartilharem certas estruturas silábicas no referido processo morfológico, porque se formos comparar os quadros 9 e 10, chegaremos à conclusão de que tanto o português brasileiro quanto o papiamentu apresentam as estruturas reduplicadas (cvc.cv e cv.cv).

As análises que acabamos de fazer servem de ponto de partida para tentarmos responder à questão acerca das estruturas silábicas em guineense, reconhecendo que a mencionada língua usa o processo da reduplicação com finalidade de sinalizar novas informações da mesma forma como acontece também em outras línguas que usam o mesmo mecanismo fono-morfológico.

Nisso, é importante deixar claro que cada língua tem sua estrutura silábica definida em sua fonologia. O caso do guineense não é diferente, pois conforme Costa (2014, p. 157),

O crioulo da Guiné-Bissau apresenta os seguintes tipos silábicos fonéticos: [V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC, VV, CVV, VVC, CVVC, CCCV, N]. Os tipos [VV], [VVC] e [CVVC] não foram confirmados fonologicamente, sendo assim, a língua apresenta, em sua fonologia, os padrões silábicos que seguem: /V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC, CVV, CCCV, N/, e possui como molde silábico a estrutura (C)(C)(C)V/N(V)(C).

Portanto a reduplicação só envolverá moldes silábicos previstos na estrutura fonológica da língua. Conforme Mello (2007, p. 52), existe um número significativo de itens na forma reduplicada do guineense que apresentam uma estrutura silábica de (cvcv-cvcv), como mostram seguintes exemplos: *lupi-lupi* ‘andar desorientado’, *kuri-kuri* ‘correr sem parar’, *gosi-gosi* ‘agora mesmo’, estas e outras formas servem para sustentar a sua afirmação. Tais considerações de Mello são importantes para compreensão da estrutura silábica dos itens reduplicados no guineense, comprovando-se a preferência pelo molde CV no quadro 10.

Quadro 10 - Realização silábica na reduplicação no guineense

Palavra-base	Forma reduplicada	Estrutura silábica
Pidi ‘pedir’	Pidi-pidi ‘pedir por todos os lados’	CV.CV
Punta ‘perguntar’	Punta-punta ‘perguntar por todos os lados’	CVC.CV
Nhinhi ‘rir, mostrar os dentes’	Nhinhi-nhinhi ‘rir sem graça’	CV.CV
Padasa ‘cortar em pedacos, despedaçar’	Padasa-padasa ‘continuar a despadaçar’	CV.CV.CV
Padjiga ‘espalhar’	Padjiga-padjiga ‘espalhar por todos lados’	CV.CV.CV
Tchora ‘chorar’	Tchora-tchora ‘continuar a chorar’	CV.CV
Budji ‘gordo’	Budji-budji ‘muito gordo’	CV.CV
A’amanha ‘amanhã’	amanha-amanha ‘futuramente’	V.CV. CV
Miskinha ‘lamentar’	miskinha-miskinha ‘lamentar continuamente’	CVC.CV.CV
Sugundi ‘esconder’	Sugundi-sugundi ‘esconde-esconde’	CV.CVC.CV
Tarbadja ‘trabalhar’	tarbadja-tarbadja ‘trabalhar continuamente e mais intenso’	CVC.CV.CV

Fonte: dados da pesquisa

As estruturas silábicas indicadas no quadro 10 são repetidas na mesma sequência para anunciar uma nova informação. Enfim, este último quadro nos oferece explicações das estruturas silábicas assumidas pelo processo da reduplicação em guineense. Lembrando que esse processo não acontece de qualquer forma, mas segue as regras fonológicas estabelecidas pela própria língua, isso não é particularidade do guineense, mas é um caso comum nas línguas que usam o processo de reduplicação.

Assim, acreditamos que o processo da reduplicação é um fenômeno linguístico produtivo no exercício comunicativo dos falantes do guineense. A este propósito pretendemos analisar o mesmo fenômeno em construções sintáticas na subseção que se segue.

4.3 PROCESSO DA REDUPLICAÇÃO DO GUINEENSE NAS CONSTRUÇÕES SINTÁTICAS

A proposta do estudo desta seção consiste em tentar compreender como acontece o processo da reduplicação nas sentenças do guineense sem esquecer que a reduplicação é um processo fono-morfológico que tem como objetivo criar distinção lexical (BANDEIRA & FREITAS, 2012, p. 324).

4.3.1 O processo da reduplicação: estrutura sintática e contexto

Embora esse processo realize-se por meio da repetição duma sequência fonológica para anunciar novas informações morfológicas (ARAUJO, 2002, p. 61), o fenômeno não se trata de algo que acontece fora da estrutura sintática e nem de um contexto. Neste sentido, podemos considerar, para fins de análise, a forma guineense **padjiga** ‘espalhar’ e a reduplicada **padjiga-padjiga** ‘espalhar por todos os lados’ na sentença (4).

4. *No padjiga-padjiga se livros.*

‘Nós espalhamos os seus livros por todos os lados’.

Percebe-se que a forma reduplicada (**padjiga-padjiga**) desempenha a função do predicador por excelência da sentença (4). Portanto, podemos afirmar que tal

processo não acontece ao acaso, mas sim pelas exigências da própria língua, visto que a função predicadora preenchida pela forma reduplicada é uma das exigências das regras de construções morfossintáticas do guineense para alguns contextos específicos, isso quer dizer que, no guineense, as formas reduplicadas exercem o papel do verbo desde que preencham requisitos de um verbo. Nessa ordem de ideia, nem todas as palavras podem ser reduplicadas numa sentença, ou seja, no processo da reduplicação, a própria língua determina itens lexicais que podem ser reduplicados com a possibilidade de esses itens assumirem diversas funções gramaticais de acordo com a situação e a intenção comunicativa do falante.

As formas reduplicadas do guineense apresentam noções de várias funções, como as de *distribuição* (**djubi** ‘olhar’ / **djubi-djubi** ‘olhar por toda parte’), de *intensificação* (**djanti** ‘andar depressa, apressar-se’ / **djanti-djanti** ‘andar ainda mais rápido’ ou ‘apressar-se ainda mais’) e de *regularidade* (**falta** ‘ausentar, faltar’ / **falta-falta** ‘ausentar, faltar sempre ou com frequência’).

Vale a pena realçar que, na sentença, as formas reduplicadas preservam os seus campos semânticos e as suas funções. Para tornar clara a nossa afirmação, analisaremos os itens reduplicados nas sentenças que se seguem.

5. Bo djubi-djubi si nim um ladron ka sugundi na si kasa.

‘Olhem por todos os lados se não esteja escondido algum ladrão na sua casa’

6. I bai kinti-kinti pa si kasa.

‘Ele/Ela foi rapidamente (ou muito depressa) para sua casa’.

7. Nha ermon ta falta-falta aulas di matimatika.

‘O meu irmão falta frequentemente às aulas de matemática’

As três sentenças demonstram a preservação do significado e as funções dos itens reduplicados. Sendo que, em (5), o item **djubi-djubi** preserva a sua natureza de verbo “olhar” e projeta a intenção comunicativa através da sua função distributiva. Em (6), o item **kinti-kinti** mantém o sentido de um adjunto adverbial sem perder a noção da intensificação, ou seja, a forma reduplicada em (6) expressa a intensidade com que a ação é efetuada. Por seu turno, em (7), a função de regularidade é sinalizada pela forma verbal reduplicada **falta-falta**, deste modo, ao mesmo tempo em que a noção

da ação do verbo ‘faltar’ é indicada, marca-se também a ideia da frequência dessa ação.

É importante destacar também a presença do **ta**, em (7), que é uma partícula aspectual para indicar ações habituais. No guineense, a presença de **ta** nas sentenças exprime a ideia de ação habitual tanto quando acompanha as formas verbais reduplicadas quanto quando acompanha as formas não reduplicadas, como se vê nos exemplos a seguir.

8. No ta brinka na skola.

‘Nós brincamos na escola.’

9. No ta brinka-brinka na escola.

‘Nós brincamos muito na escola.’

Em outras palavras, podemos dizer que **ta** é uma partícula que indica ação habitual equivalente às desinências verbais no presente do indicativo em português.

4.3.1.1 Formas reduplicadas com mais de um significado

Existem formas reduplicadas no guineense que apresentam mais do que um significado, portanto, são passíveis de serem diferenciadas especificamente a partir da sentença e de um contexto. Confira os exemplos em alíneas abaixo.

a) Kuri-kuri

‘continuar a correr, correr por todos os lados’

‘correria no sentido de esforçar para achar algo’

A forma reduplicada da alínea anterior tem como a base **kuri** que significa ‘correr’. Contudo percebe-se que a referida forma apresenta dois significados e que cada um exige um contexto específico de aplicação, por isso não basta dizer apenas **kuri-kuri**, visto que isso poderá não facilitar a comunicação, mas é preciso formular sentenças em que a mesma forma reduplicada possa estar enquadrada, como nos casos a seguir.

10. Ivo *kuri-kuri* na kampu, ma nada ika fasi.

‘O Ivo correu por todos os lados do campo, mas não fez nada’.

11. Ali no na *kuri-kuri* pa otcha pon di kada dia.

‘Aqui estamos nós no esforço de achar o pão de cada dia’.

É possível compreender a flexibilidade do item **kuri-kuri** nas duas sentenças em dois contextos diferentes, porque em (10) é usado possivelmente para indicar um evento ou um fato que aconteceu com um indivíduo, enquanto que, em (11), **kuri-kuri** é usado para sinalizar uma ação contínua de um grupo de pessoas ou de uma pessoa.

Convém destacar o termo **na** em sentença (11) que é uma partícula verbal que indica a plenitude da ação expressa pelo verbo reduplicado. Em outras palavras, o referido termo quando é acompanhado de qualquer verbo de ação no guineense condiciona o mesmo para uma projeção de noções contínuas. Por isso, é possível dizer: *I na kume fijen ku karni* que quer dizer em português ‘ele/a está comendo feijão com carne ou ele/a está a comer feijão com carne’.

b) tchapa-tchapa

‘segurar algo lançado várias vezes’

‘nome da roupa costurada de vários pedaços de pano’

‘ajeitar ou consertar várias partes do mesmo objeto’

Esta forma tem como base o item **tchapa** ‘segurar algo lançado / uma folha de metal (zinco)’. É interessante referir que tanto a palavra-base (**tchapa**) assim como a reduplicada (**tchapa-tchapa**) apresentam variação semântica, ou seja, cada uma apresenta mais do que um significado.

Assim, as mesmas observações feitas para a forma **kuri-kuri** servem também para **tchapa-tchapa**, na medida em que se apresenta um sentido ambíguo por natureza. Por esta razão, torna-se necessário recorrer às sentenças para compreender o seu emprego e as intenções comunicativas que são capazes de expressar. Seguem-se alguns exemplos:

12. No guardaredi *tchapa-tchapa* tudo bolas ku sutadu di mé kampu.

‘O nosso goleiro segurou todas as bolas que foram chutadas do meio campo’.

13. *Pansau bisti kamisa tchapa-tchapa pa bai festa.*

‘O Pansau vestiu a sua camiseta de retalhos para ir à festa;’

14. *No tchapa-tchapa dja no pano di kubri.*

‘Nós ajeitamos ou consertamos o nosso cobertor’.

Basta olharmos para as sentenças (12, 13 e 14) para compreender o quanto à forma **tchapa-tchapa** ganha sentidos dependendo do contexto em que o item reduplicado é proferido na sentença, visto que em (12) funciona como verbo (segurar), em (13), funciona como um qualificador, caracterizando a camiseta do Pansau, ou seja, como um adjunto adnominal, e, em (14) a forma **tchapa-tchapa** desempenha a função do verbo com duas possibilidades de interpretação, isto é, ‘ajeitar’ ou ‘consertar’. Desta forma, a compreensão dessa forma exige a construção de sentenças a partir de um contexto.

4.3.1.2 Sentenças com as mesmas informações semânticas e realizações morfossintáticas diferentes

Foi possível compreender ao longo do presente estudo que duas ou mais sentenças no guineense podem carregar as mesmas informações semânticas, mas apresentando realizações morfossintáticas diferentes. Uma das formas de fazer isso acontecer é por meio da reduplicação. Observe os exemplos a seguir.

15. Victor ku **fiu-fiu sim**, i kana entra li.

“O Victor que é feio demais não vai entrar por aqui”.

16. Victor ku **fiu sim dimas**, i kana entra li.

“O Victor que é feio demais não vai entrar por aqui”.

A forma **fiu-fiu** tem como a base o item **fiu** que significa no guineense feio ou feia. Este adjetivo uniforme aparece na sentença (15) na forma reduplicada caracterizando, assim, o sujeito (Victor) como feio demais. Embora, não tenha aparecido da mesma forma na sentença (16), ainda assim, a forma **fiu** é acompanhada de um intensificador **dimas**, assim sendo, formam a ideia de ‘feio demais’. Percebe-se então que, em termos morfossintáticos, as duas frases se realizam de forma diferente, porém expressam o mesmo conteúdo semântico.

A reduplicação no guineense em alguns contextos pode ser considerada como outra possibilidade ou opção de o falante expressar uma mesma ideia que poderia ser dita sem aplicar o processo da reduplicação, em outros contextos será necessário reduplicar, sob pena de não passar eficientemente a informação tal como é desejada. Vejamos então alguns exemplos.

17. I *kanta-kanta aonti*. ‘Ele/a cantou muito ontem’.

18. I *kanta tchiu aonti*. ‘Ela/e cantou muito ontem’.

Tanto em (17) quanto em (18) compreende-se que o locutor narrou uma ação no passado usando o verbo ‘cantar’. Entretanto as realizações sintáticas das duas sentenças se diferem, porque em (17) o verbo é reduplicado (***kanta-kanta***), esta forma reduplicada, ao mesmo tempo que desempenha a função do verbo, expressa também a noção da intensidade da ação verbal, enquanto que em (18) o verbo é apresentado isoladamente, mas acompanhado do termo ***tchiu*** ‘*muito*’, um advérbio, para sinalizar a intensidade com que a ação foi efetuada. Portanto, as duas orações produzem o mesmo sentido na informação, porém sintaticamente são realizadas de forma distinta, por isso, podemos afirmar que em circunstâncias similares o falante do guineense poderá usar qualquer uma das duas sentenças para se referir a ato de ‘cantar muito’.

Todavia, existem circunstâncias em que obrigatoriamente o falante precisa aplicar o processo da reduplicação, ou seja, no guineense existem noções semânticas que são expressas apenas pelas palavras reduplicadas, conforme ilustram as sentenças (19 e 20) que se seguem.

19. *Nona bim bai fassi kume-kume ku no vizinhos.*

‘Nós iremos compartilhar a comida com os nossos vizinhos e eles conosco’.

Não se pode usar outra sentença que não tenha o verbo reduplicado para referir ao mesmo ato de partilha da comida entre os vizinhos. A sentença (20) tem uma interpretação que se aproxima da (19), mas não chega a ter exatamente a mesma noção.

20. Anos ku no vizinhu nona bai kume bianda di n'hgutru'.

'Nós e os nossos vizinhos iremos comer a comida de uns e de outros'

A sentença (20) além de apresentar uma estrutura morfossintática diferente da (19), também tem uma carga semântica ligeiramente diferente da (18), pois na sentença (19) percebe-se que os sujeitos (nós e vizinhos) vão se unir e comer as suas comidas conjuntamente. Ao passo que, em (20), os sujeitos (nós e vizinhos) vão trocar as suas comidas para que cada um possa comer a comida do outro, não necessariamente em conjunto. Por isso, neste contexto, não há como substituir a forma reduplicada por outra forma.

Outro fato digno de atenção sobre as formas reduplicadas do guineense nas sentenças é o seguinte: duas ou mais sentenças podem carregar as mesmas informações semânticas, entretanto, apresentando realizações morfossintáticas diferentes. Veja os exemplos em (21) e (22) considerando o item **punta** 'perguntar / **punta-punta** 'perguntar por todos os lados'.

21. Na bai punta diki livro pa tudu ladu.

'Vou perguntar sobre aquele livro por todos os lados'.

22. Na bai punta-punta diki livro.

'Vou perguntar por todos os lados sobre aquele livro'.

Nota-se que, na palavra reduplicada (**punta-punta**), mantém-se a ideia de perguntar, desempenhando a função de um verbo, mas também carrega noções de distribuição (por todos os lados), fato que não está veiculado na forma simples do verbo **punta**, por isso a informação (*pa tudu ladu*), em (21), precisa ser acrescentada para integrar o sentido da intenção comunicativa do locutor.

Desta forma, a palavra reduplicada **punta-punta** acaba assumindo dupla função na sentença, isto é, a do verbo e a do adjunto adverbial, embora a posição do adjunto adverbial não esteja realizada sintaticamente, mas o sentido de distribuição espacial está indicado por meio da carga semântica de que a palavra reduplicada dispõe.

Enfim, ao longo desta análise, compreendemos que o processo da reduplicação acontece no guineense pelas exigências morfossintáticas da própria língua, dependendo do contexto e das intenções comunicativas dos seus falantes. Em

vista disso, as formas reduplicadas do guineense podem apresentar várias funções, como as de *distribuição*, de *intensificação* e de *regularidade* como mostramos no início do presente texto. Tais funções são preservadas também nas sentenças.

Existem formas reduplicadas do guineense que comportam mais de um significado, essas formas projetam noções ambíguas, por isso, a compreensão delas exige as suas interpretações a partir de uma sentença e de um dado contexto.

Assim, a reduplicação é um processo morfológico que permite os falantes do guineense construir sentenças diferentes em termos morfossintáticos, mas com os mesmos graus de informações semânticas de sentenças sem itens reduplicados. Então, em alguns contextos, este processo poderá ser entendido como apenas uma alternativa ou outra maneira de proferir uma sentença e, em outros contextos, será obrigatório o emprego da reduplicação.

Deste modo, foi importante realizar a análise deste processo envolvendo diferentes categorias gramaticais das quais se faz uso o processo da reduplicação, como detalhamos em seção que se segue.

4.4 ANÁLISE DAS CATEGORIAS REDUPLICADAS NO GUINEENSE

Apresentaremos os dados referentes à reduplicação no guineense, cuja análise foi feita através das seleções de categorias gramaticais de cada item e, além disso, analisaremos suas respectivas funções gramaticais e lexicais, que serão representados por meio de quadros (11, 12, 13, 14, 15, e 16). Assim cada resultado será abordado separadamente.

Quadro 11 - Categoria verbal sem mudança categorial entre a palavra-base e a reduplicada

Palavra-base	Forma reduplicada
Djubi ‘olhar’	Djubi-djubi ‘olhar por toda parte’
Ndjudja ‘ajeitar/unir’	Ndjudja-ndjudja ‘continuar a ajeitar ou continuar a unir’
Falta ‘ausentar-se’	Falta-falta ‘ausentar-se com frequência’
1) Tchapa ‘consertar/emendar’	Tchapa-tchapa ‘consertar ou emendar vários itens’; ‘tipo de vestimenta/roupa’
2) Tchapa ‘apanhar’ ou ‘segurar algo lançado’	Tchapa-tchapa ‘apanhar ou assegurar algo lançado rapidamente ou de modo repetitivo’

Fonte: dados da pesquisa

No quadro 11, os itens mantêm a categoria verbal, tanto na palavra base assim como na forma reduplicada. Estes casos são mais frequentes na categoria verbal, contudo, as formas reduplicadas estabelecem relações semânticas com as bases, como em **falta** ‘ausentar-se’ e na sua forma reduplicada **falta-falta** ‘ausentar-se com frequência’. Nesse caso, embora seja perceptível a função de regularidade da ação na segunda forma, preserva-se a ideia predefinida pelo verbo, ‘ausentar-se’. Portanto, tanto **falta** quanto **falta-falta** são verbos. Constata-se também que é comum existir mais de um significado expresso pelas mesmas palavras-base e reduplicadas. Exemplo disso é o caso de **tchapa** ‘consertar/emendar’ e **tchapa-tchapa** ‘consertar ou emendar vários itens’, que contêm outros significados como: **tchapa** ‘apanhar’ ou ‘segurar’ e **tchapa-tchapa** ‘apanhar’ ou ‘segurar algo lançado de modo repetitivo/tipo de vestimenta/roupa’. Enfim, o mesmo item pode ter diversos significados e apresentar mais do que uma função gramatical, pois a mesma forma reduplicada **tchapa-tchapa** no último exemplo apresenta a função iterativa, enquanto na primeira indica a distributiva que será discutida no quadro 15.

Quadro 12 - Categoria verbal que apresenta categorias variáveis na forma reduplicada

Palavra-base (verbo)	Forma reduplicada (verbo ou nome)
Djunda ‘puxar’	Djunda-djunda ‘puxa-puxa’ ou ‘disputar algo, litígio, confusão’
Toka ‘tocar’	Toka-toka ‘nome dos transportes coletivos da Guiné-Bissau’ ou ‘chegar-se’

Fonte: dados da pesquisa

Os dois itens (**djunda** ‘puxar’ e **toka** ‘tocar’) são exemplos dos poucos itens verbais do guineense que nas suas formas reduplicadas (**djunda-djunda** ‘puxa-puxa’ ou ‘disputar algo, litígio/confusão’ e **toka-toka** ‘chegar-se’ ou ‘nome do transporte coletivo urbano da Guiné-Bissau’) assumem duas categorias gramaticais, isto é, verbo e nome. A expressão **toka-toka**, por exemplo, serve para se referir ao transporte coletivo urbano, neste caso, é um nome e tem o sentido do verbo ‘chegar-se ou tocar continuamente’. Por isso, seu significado depende do contexto. Assim, convém ressaltar que a referida complexidade semântica pode ser encontrada sempre que houver mais de uma interpretação do item reduplicado.

Quadro 13 - Categoria nominal que apresenta variação categorial na forma reduplicada

Palavra-base	Forma reduplicada
Kurva ‘traço de uma estrada que não é reta’	Kurva-kurva ‘fazer várias curvas’ ou ‘estrada com curvas’
Marka ‘traço, sinal, vestígio’	Marka-marca ‘fazer marcas’
Piska ‘pesca’	Piska-piska ‘pescar continuamente’ ou ‘sirene, pisca-alerta’
Tchapa ‘folha de metal, espécie de zinco’	Tchapa-tchapa ‘consertar/emendar’; ‘tipo de vestimenta/roupa’

Fonte: dados da pesquisa

No quadro 13, as formas bases expressam noções de nome, mas pelas suas naturezas na língua podem também funcionar como verbos, isto é, dependem do

contexto, por isso possuem mais de uma entrada lexical na língua. Isso justifica a existência de reduplicações no guineense que apresentam categorias diferentes, conforme visto no quadro anterior. Os vocábulos que na base são nomes, porém nas suas formas reduplicadas não seguem apenas a mesma categoria, assumem também uma categoria diferente. Nesse sentido, podemos tomar como exemplo o vocábulo **tchapa** que significa, dentre outras significações possíveis, ‘folha de metal, espécie de zinco’, mas, na sua forma reduplicada, **tchapa-tchapa**, pode significar ‘consertar/emendar’, logo, nota-se a alteração de classe gramatical, isto é, muda-se da categoria nome para verbo.

Por outro lado, há casos em que a forma base pode manter a mesma categoria na sua forma reduplicada; como exemplo, valeremos do mesmo vocábulo, **tchapa**, ‘folha de metal, espécie de zinco’, que, na sua forma reduplicada, **tchapa-tchapa** designa ‘estilo de uma roupa, retalho’, cujo produto final é o resultado do emendar dos pedaços de tecidos. Aqui se mantém a categoria gramatical nome tanto na forma simples quanto na forma reduplicada.

Quadro 14 - Categoria adverbial sem mudança categorial entre forma base e reduplicada

Palavra-base	Forma reduplicada
Amanha ‘amanhã’	Amanha-amanha ‘futuramente’
Djanam ‘de imediato/agora’	Djanam-djanam ‘imediatamente’
Gossi ‘agora’	Gossi-gossi ‘agora mesmo/ nesse instante’

Fonte: dados da pesquisa

No Quadro 14, nota-se que os advérbios do guineense nas formas reduplicadas estabelecem as relações semânticas com as formas bases e apresentam o predomínio da função modalizadora.

Nessa subseção, até aqui, a nossa análise se cingiu ao aspecto gramatical da reduplicação em que, dentre outras coisas, apresentamos e analisamos em quais categorias de classes de palavras se aplica o processo de reduplicação no guineense. A seguir, no quadro 15, mostraremos quais funções a reduplicação exerce no guineense.

Quadro 15 - Funções gramaticais da reduplicação no guineense

Funções	Palavra-base	Forma reduplicada
Intensificação	Djanti 'pressar-se'/ 'andar de pressa'	Djanti-djanti 'andar com muita pressa/apressar-se mais'
Iterativa/Repetitiva	Djukuta 'pular'	Djukuta-djukuta 'saltar ou pular de um lado para outro o tempo todo'
Regularidade	Falta 'ausentar'	Falta-falta 'ausentar sempre/ausentar com frequência'
Distributiva	Muntu 'monte' Tris 'três'	Muntu-muntu 'aos montes' Tris tris 'três por três/três em três'

Fonte: dados da pesquisa

O Quadro 15 destaca itens que comprovam a existência de quatro funções gramaticais que aparecem no processo da reduplicação no guineense até o momento do nosso estudo. A forma reduplicada **djanti-djanti** 'andar com muita pressa/apressar-se mais' intensifica a ação predefinida pelo vocábulo-base **Djanti** 'pressar-se'/ 'andar de pressa'. Por seu turno, a função iterativa sugere que uma ação é continuamente repetitiva. Esse, segundo Araujo (2002, p.75), "é um tipo comum de reduplicação nas línguas do mundo". O termo **djukuta** 'pular' na sua forma reduplicada **djukuta-djukuta** 'saltar ou pular de um lado para outro o tempo todo' é tido como um único, evento de pular, no entanto, de forma repetitiva. Além disso, destaca-se a função da regularidade com a forma **falta-falta**, cujo significado é 'ausentar com frequência', isso quer dizer, a ação de **falta** 'ausentar' perdura por um tempo regular, essa ideia é sempre expressa na forma reduplicada. Constata-se também a função distributiva em **muntu-muntu** 'aos montes' e **tris-tris** 'três por três/três em três', a ideia aqui se refere à ação de distribuição que pode ser aos montes ou em grupos de três.

O quadro 16, abaixo, diz respeito às funções lexicais da reduplicação no guineense, nele estão representadas as quatro funções lexicais observadas.

Quadro 16 - Funções lexicais da reduplicação no guineense

Relações	Vocábulo-base	Forma reduplicada
Múltipla ocorrência daquilo que é veiculado pela palavra-base	Pinga ‘gotejar’ Risku ‘risco’	Pinga-pinga ‘várias goteiras’ Risku-risku ‘diz-se dos objetos que apresentam listras’
Modalização	Amanha ‘amanhã’	Amanha-amanha ‘futuramente’
Alteração do campo semântico	Kor ‘cor’	Kor-kor ‘nome duma espécie de peixe’
Descrição pela palavra base como a característica mais proeminente	Serka ‘perseguir com objetivo de apanhar’	Serka-serka ‘um tipo de brincadeira (jogo) que consiste em perseguir a pessoa com intuito de apanhá-la’

Fonte: dados da pesquisa

Nesse último quadro, é possível compreender as possíveis relações lexicais que ocorrem entre o vocábulo-base e a forma reduplicada. As palavras guineenses **pinga** ‘cair uma gota/gotejar’ e **risku** ‘risco’ e as suas formas reduplicadas, **pinga-pinga** ‘várias goteiras’ e **risku-risku** ‘diz-se dos objetos que apresentam características listradas’, respectivamente, estabelecem uma relação de múltipla ocorrência, porque as formas reduplicadas projetam a ideia de multiplicação de ‘gotejar’ e de ‘risco’. Os advérbios **amanha** ‘amanhã’ e **amanha-amanha** ‘futuramente’ mantêm a noção do tempo definida pela palavra-base, isto é, a ideia do futuro, no entanto, essa ideia é indeterminada na forma reduplicada, pois quando se diz futuramente, não se sabe o tempo exato no futuro. A terceira função nos remete à ideia de alteração do significado. Todavia o Termo **kor-kor**, que designa uma espécie de peixe, terá sido eventualmente dado a esse peixe por apresentar cores diferentes, essa posição não invalida a noção da alteração do campo semântico, pois o resultado dessa combinação proveniente da reduplicação da palavra **kor** ‘cor’ nos submete a um novo significado, ‘peixe’, mas não qualquer, uma espécie específica de peixe, chamado de **kor-kor**.

Além disso, uma quarta função observada é a que a forma reduplicada remete a um objeto ou atividade que tem o que é descrito pela palavra-base como a característica mais proeminente. Um exemplo desse caso é a palavra **serka** ‘perseguir com objetivo de apanhar’, donde **serka-serka** ‘um tipo de brincadeira (jogo) que consiste em perseguir a pessoa com intuito de apanhá-la’. Portanto, temos aqui uma atividade, o jogo, cuja essência é descrita pela palavra-base, isto é, o de **serka** com a finalidade de apanhar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise dos dados em um *corpus* que serviu de base para este estudo, constatamos que a reduplicação é um recurso utilizado no guineense moderno para transmitir novas informações. Como propôs Araujo (2002), a função iterativa/repetitiva (característica de muitas línguas no mundo e do português brasileiro, em particular) surge com maior expressividade no guineense; ou seja, quando o vocábulo base é um verbo, a reduplicação tende a funcionar, na maioria das vezes, como ato iterativo que indica que uma ação é continuamente repetitiva. Além disso, observou-se que o verbo é a classe gramatical em que mais se aplica o processo da reduplicação. Dentre as funções gramaticais, era de se esperar que a iterativa apresentasse como a mais predominante, considerando que, no levantamento de dados, é a que aparece com maior expressividade, e isso se confirmou; em alguns casos, é possível constatar diferenças no nível semântico entre a palavra-base e a reduplicada. No que tange às funções lexicais, nota-se que o guineense apresenta quatro tipos de relações semânticas: múltipla ocorrência, descrição do tempo pela palavra-base, descrição de um objeto ou atividade pela palavra-base como a característica mais proeminente e diferença semântica.

No que concerne aos tipos de reduplicação, salienta-se que não foi visto nenhum caso de reduplicação parcial. Foram encontrados apenas os casos da reduplicação total que, assim sendo, corrobora a ideia de identidade segmental e prosódica entre a forma reduplicada e a base.

Embora os teóricos tradicionais tenham caracterizado as línguas crioulas como línguas inferiores (BLOOMFIELD, 1933 *apud* PRATAS, 2002, p. 7), e simples (MCWHORTER, 1998 *apud* FREITAS & BANDEIRA 2016, p. 245), do ponto de vista morfológico, os resultados obtidos por meio dos dados aqui analisados refutam tais afirmações.

Foi possível ao longo deste estudo evidenciar a complexidade morfossintática de que o guineense dispõe, como mostram as análises do processo da reduplicação feitas anteriormente sobre os planos fonológico morfológico e sintático.

Por conseguinte, o presente estudo coloca em evidência os equívocos sustentados pelos teóricos tradicionais sobre a não existência das estruturas morfológicas nas línguas crioulas. Portanto, é mais uma comprovação de que “uma

língua [crioula] tem em si todos os elementos estruturais necessários aos seus falantes” (PRATAS, 2002, p. 10).

Assim, a atribuição da simplicidade morfológica às línguas de contato não passa de uma visão descuidada, sustentada por observações racistas e sem dados linguísticos que a provem. Por isso, persiste a nossa motivação em estudar, como próximo passo, outros fenômenos morfológicos existentes nas línguas de contatos como ideofone, truncamento, diferentes derivações e tantos outros processos linguísticos, como forma de desfazer os equívocos de alguns teóricos que consideram as línguas de contato como “inferiores” e “simples”.

Enfim, reconhecemos que existem ainda poucos estudos desse gênero sobre as línguas de contato, principalmente sobre o guineense, isso, portanto, prova a necessidade urgente de efetuar pesquisas que atendam tal necessidade.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Gabriel. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem** 10(1): 61-90. Belo Horizonte, 2002.
- ARAUJO, Gabriel Antunes. **Ideofones e verbetes enciclopédicos em dicionários bilíngues santome e lung'le**. Em preparação.
- BANDEIRA, Manuele & FREITAS, Shirley. A reduplicação no papiamentu. **PAPIA**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 323-334, 2012.
- BANDEIRA, Manuele, **Reconstrução fonológica e lexical do Golfo da Guiné**. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2017.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Norma culta e variedades linguísticas**. São José do Rio Preto - Unesp. Disponível em:
<<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/174227/modresource/content/1/01d17t03.pdf>> Acesso em: 02 de jun 2019.
- CHAPOUTO, Sandra Marisa. Contributo para a descrição de aspetos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense. Universidade de Coimbra- Faculdade de Letras. Lisboa, 2014.
- COSTA, Paula Mendes. Descrição fonológica do crioulo guineense. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.
- COUTO, Hildo Honório do. Unidade versus diversidade linguística na Guiné-Bissau. **PAPIA**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 42-48, 1991. Disponível em:
<<http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/view/178/289>>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- CROWLEY, Terry. **Pidgin and Creole Morphology**. Wiley-Blackwell. 2018.
- EMBALÓ, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: Língua nacional e factor de identidade nacional. **PAPIA** 18, p. 101-107, 2008
- FERNANDES, Tamara Grisolia. Língua como instrumento de ou estratégia de política de nos países de língua portuguesa. **Geo-paisagem** (on line). 2010.
- FREITAS, Shirley; BANDEIRA, Manuele. Análise morfológica dos crioulos do Golfo da Guiné e do kabuverdianu. **Estudos linguísticos**, São Paulo, 45 (1): p. 242-256, 2016
- GONÇALVES, Carlos Alexandre & VIALLI, Luciana de Albuquerque. Por uma abordagem compreensiva da reduplicação no português do Brasil. **Revista Crítica Cultural** – UNEB. 2015.
- LOPES, Carlos. Boletim de informação socio-económico. “A Guiné-Bissau a procura de um modelo social”. **Revista de estudos guineenses - Soronda**. 1986.

LUCCHESI, Dante. Línguas em contato: desenvolvimentos recentes na área. In: II ECLAE - Encontro Nacional de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, 2003, João Pessoa. **Cadernos de Resumos e Programação**. João Pessoa: Idéia, 2003. v. 1.

MCWHORTER, J. Identifying the Creole Prototype: Vindicating a Typological Class. **Language**, v.74, n.4, p. 788-818, 1998.

M'BUNDE, Timóteo Saba. As políticas externas brasileira e chinesa para a Guiné-Bissau em abordagem comparativa (1974-2014) - Rio de Janeiro (RJ) **Grammar**. 2018.

MELLO, Maria Aparecida Curupaná da Rocha. A questão da produtividade morfológica no guineense. **Estudos Crioulos** 2007.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**, 4ª Edição. Campinas: Pontes, 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 13 de jun 2019.

MUYSKEN, Pieter & SMITH, Norval. 1995. The study of pidgin and creole languages. In: Arends, Jacques; Muysken, Pieter & Smith, Norval (Ed.). *Pidgins and Creoles: an introduction*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. p. 3-14.

NOVAS DA GUINÉ-BISSAU. **Guiné-Bissau mapa político**. 24 Set. 2014. Disponível em <http://novasdaquinebissau.blogspot.com/2014/09/banco-mundial-e-guine-bissau-defenderam.html>. Acesso em: 17 jan 2019.

PEREIRA, Matheus & HUGO, Vitor. **Aspectos físicos de Guiné-Bissau**. 12 jun. 2009. Disponível em <<http://sueciaequine.blogspot.com/2009/08/aspectos-fisicos-de-guine-bissau.html>>. Acesso em: 22 de jan 2019.

PRATAS, Fernanda. Sistema Pronominal do caboverdiano (variante de Santiago). Universidade de Lisboa: dissertação de mestrado, 2002.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do guineense**, volume II – Dicionário guineense – português. Bissau/Bubaque. Edições FASPEBI, 2002.

SEMEDO, Odete Costa. **Guiné-Bissau: histórias, culturas, sociedade e literatura**. Belo Horizonte: Nadyala, 2011.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: Uma perspectiva social**. 18. Ed. São Paulo: Contexto. 2017.

UNESCO. **Guiné-Bissau. Perfil do país EPT**. 2014, Disponível em <<http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Dakar/pdf/FicheEPTGuineaBissau.pdf>>. Acesso em: 9 jan 2019.

APÊNDICE

Lista dos dados analisados

Formas simples e reduplicadas das categorias gramaticais no guineense moderno

Nº	Forma simples	Categoria	Forma reduplicada	Categoria
01	Djugu 'jogo'	Nome	djugu-djugu 'a casa das térmites'	Nome
02	Cha 'arbusto originário de China'	Nome	chacha 'termo que designa a propria namorada" bonita	Nome
03	Don 'dádiva ou luto'	Nome	Dondon 'instrumento de som 'tambor' pequeno'	Nome
04	Febri 'febre'	Nome	Febri-febri 'febre frequente'	Nome
05	Kor 'cor'	Nome	kor-kor 'uma espécie do peixe'	Nome
06	Djubi 'ver'	Verbo	Djubi-djubi 'olhar por toda parte'	Verbo
07	Ndjudja 'ajeitar ou unir'	Verbo	Ndjudja-ndjudja 'continuar a ajeitar ou unir'	Verbo
08	Djunda 'puxar'	Verbo	Djunda-djunda 'puxar com intensidade ou litísio ou confusão'	Verbo
09	Bagana 'desprender, aliviar, abrandar'	Verbo	Bagana-bagana 'desprender em vários lugares'	Verbo
10	Buli 'mexer'	Verbo	Buli-buli 'agitar-se, mexer constantemente'	Verbo
11	Djanti 'andar depressa, apressar-se'	Verbo	Djanti-djanti 'andar com muita pressa e por todos os lados'	Verbo
12	Fidi 'picar, furar com um objeto pontiagudo'	Verbo	Fidi-fidi 'fazer muitas feridas'	Verbo

13	Falta 'ausentar'	Verbo	Falta-falta 'ausentar com frequência'	Verbo
14	Fura 'penetrar, perfurar, sair do outro lado'	Verbo	Fura-fura 'ir de um lado para outro, penetrar em todos os lados, fazer varios furos'	Verbo
15	Furta 'furtar'	Verbo	Furta-furta 'furtar ou roubar continuamente'	Verbo
16	Kala 'estar em silêncio'	Verbo	Kala-kala 'calar o bico, silenciar'	Verbo
17	Konta 'contar, dizer, fazer contagem'	Verbo	Konta-konta 'continuar a dizer'	Verbo
18	Korta 'dividir ou separar, cortar'	Verbo	Korta-korta 'despadacar, dividir completamente'	Verbo
19	Kuri 'correr'	Verbo	Kuri-kuri 'continuar a correr'	Verbo
20	Kurva 'curvar'	Verbo	Kurva-kurva 'fazer, ter ou ser várias curvas'	Verbo
21	Lansa 'lançar/atirar'	Verbo	Lansa-lansa 'lançar/atirar com frequência'	Verbo
22	Lei 'ler'	Verbo	Lei-lei 'ler várias vezes'	Verbo
23	Manda 'enviar, encomendar, remeter'	Verbo	Manda-manda 'encomendar com frequência'	Verbo
24	Manda 'dar ordem'	Verbo	Manda-manda 'dar ordem sempre'	Verbo
25	Marka 'pôr marca em, ser marcante'	Verbo	Marka-marka 'fazer marcas'	Verbo
26	Menda 'corrigir, modificar'	Verbo	Menda-menda 'fazer muitas correções'	Verbo
27	Miskinha 'lamentar'	Verbo	Miskinha-miskinha 'lamentar continuamente'	Verbo

28	Moka 'ter relação sexual'	Verbo	Moka-moka 'ter relações sexuais contínuas'	Verbo
29	Mopi 'amolgar, mossar, amachucar'	Verbo	Mopi-mopi 'amachucar, ter muitas mossas'	Verbo
30	Mpulma 'fazer inquérito, pesquisar'	Verbo	Mpulma-mpulma 'pedir informações por todos os lados'	Verbo
31	Nhinhi 'rir mostrando dentes ou sorrir'	Verbo	Nhinhi-nhinhi 'rir sem graça'	Verbo
32	N'uri 'desafixar resto de resíduos do lugar'	Verbo	N'uri-n'uri 'continuar a juntar os sobejos da comida'	Verbo
33	Padasa 'cortar em pedacos, despedacar'	Verbo	Padasa-padasa 'continuar a despedacar'	Verbo
34	Panta 'espantar ou assustar-se'	Verbo	Panta-panta 'assustar-se sempre'	Verbo
35	Padjiga 'espalhar'	Verbo	Padjiga-padjiga 'espalhar por todo lado'	Verbo
36	Paka 'fazer algo cair das mãos de uma pessoa'	Verbo	Paka-paka que passa de um sítio para o outro em busca de companhia'	Verbo
37	Palpa 'tocar com a mão'	Verbo	Palpa-palpa 'continuar a examinar, sondar profundamente'	Verbo
38	Pati 'oferecer'	Verbo	Pati-pati 'ato de oferecer varias vezes para outrem'	Verbo
39	Petele 'aregalar os olhos,ou abrir algo o maximo possivel'	Verbo	Peteli-peteli "aregalar os olhos do acompanhado de jestos frequentemente'	Verbo
40	Pidi 'pedir'	Verbo	Pidi-pidi 'mendigar, esmolar'	Verbo

41	Pinta ‘aplicar cores, colorir, pintar’	Verbo	Pinta-pinta ‘colorir de várias cores’	Verbo
42	Pinga ‘deixar cair gota a gota, gotejar’	Verbo	Pinga-pinga ‘deixar cair um liquido aos pingos ou varios pingos no mesmo teto’	Verbo
43	Pintcha ‘empurrar’	Verbo	Pintcha-pintcha ‘continuar a dar empurros uns aos outros’	Verbo
44	Prindi ‘capturar’	Verbo	Prindi-prindi ‘capturar muitas vezes’	Verbo
45	Prindi ‘aprender’	Verbo	Prindi-prindi ‘capturar muitas vezes’	Verbo
46	Punta ‘perguntar’	Verbo	Punta-punta ‘perguntar por todos os lados, enquerito’	Verbo
47	Raspa ‘riscar, friccionar’	Verbo	Raspa-raspa ‘rocar várias vezes’	Verbo
48	Rasta ‘arrastar’	Verbo	Rasta-rasta ‘rastejar por todos os lados’	Verbo
49	Rasta ‘arranjo de cabelo muito comprido’	Verbo	Rasta-rasta ‘rastejar por todos os lados’	Verbo
50	Serka ‘expulsar’	Verbo	Serka-serka ‘continuar a perseguir para apanhar ou para afastar’	Verbo
51	Singa ‘mover-se oscilando de um lado para o outro ou cambalear’	Verbo	Singa-singa ‘continuar a cambalear’	Verbo
52	Somna ‘fazer barulho’	Verbo	Somna-somna ‘fazer barulho repetidas vezes’	Verbo
53	Taka ‘abotoar’	Verbo	Taka-taka ‘abotoar os botões, abotuar rápido’	Verbo

54	Taka ‘atacar’	Verbo	Taka-taka ‘engordar por excesso’	Verbo
55	Taka ‘engordar’	Verbo	Taka-taka ‘engordar por excesso’	Verbo
56	Tapa ‘cobrir com tampa, fechar’	Verbo	Tapa-tapa ‘tentar acertar ou cobrir os buracos’	Verbo
57	Tarbadja ‘trabalhar’	Verbo	tarbadja-tarbadja ‘trabalhar continuamente e mais intenso’	Verbo
58	Tchapa ‘concertar’	Verbo	Tchapa-tchapa ‘concertar, ou emendar vários itens’	Verbo
59	Tchapa ‘apanhar ou segurar algo lançado’	Verbo	Tchapa-tchapa ‘apanhar ou segurar rápido algo lançado’	Verbo
60	Tchora ‘chorar’	Verbo	Tchora-tchora ‘continuar a chorar’	Verbo
61	Fala ‘dizer’ ou ‘conversa, diálogo’	Verbo	Fala-fala ‘falar confusamente, dizer por dizer’	Verbo
62	Djungu ‘conchilar’	Verbo	Djungu-djungu ‘cochilar com frequência ou continuamente’	Verbo
63	Murdi ‘morder’	Verbo	Murdi-murdi ‘morder por todas as partes’	Verbo
64	Menda ‘acréscetar’	Verbo	Menda-menda ‘fazer vários acréscimos de itens’	Verbo
65	Budji ‘gordo’	Adjetivo	Budji-budji ‘muito gordo’	Adjetivo
66	Sabi ‘saboroso, fácil’	Adjetivo	Sabi sabi ‘muito saboroso, muito fácil’	Adjetivo
67	Sabi ‘fácil’	Adjetivo	Sabi sabi ‘muito fácil’	Adjetivo
68	Tcan ‘firme’	Adjetivo	Tcan-tcan ‘muito firme’	Adjetivo

69	Lati 'cansado'	Adjetivo	Lati-lati 'cansadíssimo ou murchados por todas as partes'	Adjetivo
70	kinti 'quente'	Adverbio	Kinti-kinti 'muito depressa, rapidamente'	Adverbio
71	Amanha 'amanhã'	Adverbio	Amanha-amanha 'futuramente'	Adverbio
72	Djanan 'de imediato ou Agora'	Adverbio	Djanan-djanan 'imediatamente'	Adverbio
73	Gossi 'agora'	Adverbio	Gossi-gossi 'agora mesmo ou nesse mesmo instante'	Adverbio
74	Rapidu 'rápido'	Adverbio	Rapidu-rapidu 'rapidamente ou muito rápido'	Adverbio
75	Sugundi 'esconder'	Verbo	Sugundi-sugundi 'esconde-esconde, um tipo de brincadeira'	Nome
76	Toka 'tocar'	Verbo	Toka-toka 'transpote coletivo da Guiné-Bissau ou chegar-se'	Nome/verbo
77	Kurva 'traco de uma estrada que não é reta'	Nome	Kurva-kurva 'estrada com várias curvas'	Adjetivo
78	Lansa 'haste de madeira com um ferro pontiagodo na extremidade'	Nome	Lansa-lansa 'atirar com frequência ou rápido'	Verbo
79	Marka 'traco, sinal, vistigio'	Nome	Marka-marca 'fazer marcas'	Verbo
80	Moka 'maquina tipica para ferver café'	Nome	moka-moka 'ter relações sexuais continua'	Verbo

81	Piska 'pesca'	Nome	Pisca-pisca 'pescar continuamente, sirene, pisca-alerta'	Verbo/nome
82	Raspa 'raspadeira, instrumento que serve para raspar'	Nome	Raspa-raspa 'roçar várias vezes'	Verbo
83	tchapa 'folha de metal'	Nome	Tchapa-tchapa 'segurar rapidamente algo lançado. nome da roupa costurada de vários panos'	Verbo
84	Fusca 'fusco'	Adjetivo	Fusca-fusca 'crepúsculo'	Nome
85	djumna 'ser primeiro, antecipar'	Verbo	djumna-djumna 'desafio para chegar primeiro'	Nome